

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

Paulo Roberto de Lima Bittencourt

**Análise do Discurso e Educação Física:
O Discurso da Arte Marcial**

Campinas 2009

Paulo Roberto de Lima Bittencourt

Paulo Roberto de Lima Bittencourt

Análise do Discurso e Educação Física: O Discurso da Arte Marcial

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Graduação da
Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas
para obtenção do título de Licenciado
em Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Suzy Maria Lagazzi

Campinas

2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

Bittencourt, Paulo Roberto de Lima.
Análise do discurso e educação física: o discurso da arte marcial /
B548a Paulo Roberto de Lima Bittencourt. -

Orientador: Suzy Maria Lagazzi.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Artes marciais. 2. Luta. 3. Análise do discurso. 4. Lingüística. 5.
Pêcheux, Michel, 1938-. I. Lagazzi, Suzi Maria. II. Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

Título em ingles: Discourse analysis and physical education: martial art's discourse.

Keywords: Martial art. Fight. Discourse analysis. Linguistic. Pêcheux

Banca examinadora: Suzy Maria Lagazzi. Carmem Zink Bolonhini. .

Data da defesa: 10/12/2009.

Paulo Roberto de Lima Bittencourt

**Análise do Discurso e Educação Física:
O Discurso da Arte Marcial**

Este exemplar corresponde à redação final da Monografia de graduação defendida por Paulo Roberto de Lima Bittencourt e aprovada pela Comissão julgadora em 10/12/2009.

Suzy Maria Lagazzi
Orientadora

Carmen Zink Bolonhini
Banca

Campinas

2009

Agradecimentos

Agradeço à professora Suzy por me receber enquanto vagava perdido em minhas “aventuras” pelo IEL e me orientar, levando à realização deste trabalho.

Agradeço à professora Carmen pela sua contribuição como banca neste trabalho.

Agradeço aos meus colegas do grupo de estudos de lutas que colaboraram muito em minha formação: Henrique, Renan, Aline e Lucas.

Agradeço a meus pais cujos cuidados me permitiram chegar até aqui.

Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo.

Ora, se pomos freio na boca dos cavalos, para nos obedecerem, também lhes dirigimos o corpo inteiro.

Observai, igualmente, os navios que, sendo tão grandes e batidos de rijos ventos, por um pequeníssimo leme são dirigidos para onde queira o impulso do timoneiro.

Assim, também a língua, pequeno órgão, se gaba de grandes coisas. Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!

Ora, a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno.

Pois toda espécie de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano;

a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero.

(Epístola de Thiago, cap. 3:2-8)

Bittencourt, P. R. L. **Análise do Discurso e Educação Física: O Discurso da Arte Marcial**. 2009, 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

Resumo

As formulações em torno da arte marcial são variadas e multiformes. Buscamos abordar essa questão a partir de uma problematização lingüística apoiada na análise do discurso de filiação materialista. A análise do discurso busca entender os gestos de interpretação e os modos de leitura para compreender o funcionamento do discurso. Analisamos 59 trabalhos de conclusão de curso de graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp e encontramos um funcionamento central do discurso da arte marcial em torno da denegação da violência e da idealização, utilizando diversos mecanismos para isso. Concluímos observando que o movimento desse funcionamento vai em direção à estabilização lógica do discurso da arte marcial e contrapomos isto com a noção de funcionamento discursivo. Também indicamos possíveis relações desses funcionamentos com a política.

Palavras-Chaves: Arte Marcial; Luta; Análise do Discurso; Lingüística; Pêcheux.

Bittencourt, P. R. L. **Discourse Analysis and Physical Education: Martial Arts's Discourse**. 2009, 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

Abstract

Formulations around martial arts are various and multiform. We sought to address this question through an approach with linguistics supported on the discourse analysis of materialist filiation. Discourse analysis aims to understand the gestures of interpretations and modes of lecture to comprehend the way discourses function. We analyzed 59 graduation's course conclusion works and found a central functioning of martial art's discourse around the negation of violence and idealization, using several mechanisms for that. We concluded observing that the movement of this functioning goes towards the logical stabilization of martial art's discourse and we opposed this with the notion of discourse functioning. We also indicated possible relations of these functionings with politics.

Keywords: Martial Art; Fight; Discourse Analysis; Linguistics; Pêcheux.

Sumário

1. Introdução.....	9
2. Primeira Parte: A Análise do Discurso.....	13
2.1. O Signo, a Língua e a Fala em Saussure.....	14
2.2. O Sujeito em Althusser – A Não-Transparência da Linguagem.....	16
2.3. O Processo Discursivo.....	20
2.4. O Método da Análise do Discurso.....	25
3. Análise do Discurso da Arte Marcial.....	28
3.1. Ancoragem na Origem: Denegação.....	30
3.2. Fronteiras entre o Passado, o Presente e o Outro: Idealização.....	39
3.3. Mecanismos do Afastamento da Violência.....	47
4. Conclusão: Funcionamento Discursivo, Estabilização Lógica e Política.....	64
Referências.....	70
Anexo A – TCCs da Faculdade de Educação Física da Unicamp.....	72

1. Introdução

Karate, Kempo, Judo, Aikido, Kendo, Kyudo, Ninjutsu, Wu Shu, Kung Fu, Sanshou, Hung Gar, Shaolin Quan, Wing Chun, Taijiquan, Taekwondo, Tang Soo Do, Sipalki, Kali, Vajra-Mushti, Kalaripayatt, Kabbadi, Silat, Muay Thai, Krabi Krabong, Qwan Ki Do, Arco e Flecha, Boxe, Esgrima, Wrestling, Savate, Chess Boxing, Gouren, Liu Bo, Jogo do Pau, Sambô, Khridoli, Lutta Corsa, Kampfringen, Sea Jousting, Schwingen, Bartitsu, Dirk Dance, Zen Do Kai, Mau Rakau, Koshti, Krav Maga, Yagli Gures, Kurash, Han Moo Do, Glima, Stav, Surma Stickfighting, Dambe, Tahtib, Obnu Bilate, Laamb Wrestling, Evala Wrestling, Tinku, Capoeira, Luta Livre, Vale Tudo, Maculele, Defendo, SPEAR System, Rumi Maki, Shootfighting, Kajukenbo, Marine Corps LINE Combat System, El Juego Del Garrote...

Já há algum tempo tento contemplar o que significam alguns números: 1 trilhão de estrelas, 100 bilhões de galáxias, 1 segundo, 500 milhões de Km², 1 Angstrom, o número de Graham, 1 milhão de anos... Mas sempre me surpreendo mais com o número 6 bilhões de humanos.

Escolhi introduzir este trabalho com uma pequena lista de 71 palavras mais ou menos aleatórias de uma lista com mais de 350 palavras ligadas a 61 países sob o título de “Lista de Artes Marciais”, pois esta lista novamente me lembra o quão surpreendente é o número 6 bilhões de pessoas. 71 nomes de artes marciais praticadas por muitas pessoas em muitos lugares, cada qual com suas vidas, sensações, alegrias, tristezas, valores... Universos em universos, ao mesmo tempo efêmeros e perenes.

Mas por que podemos agrupar todas essas palavras sob o coletivo “Arte Marcial”? Talvez o único padrão que se repita em todas elas seja estarem relacionados ao coletivo “ser humano”, um coletivo generalizante de ordem biológica. Mas isto não diz nada já que pode dizer tudo. Porém arte marcial não é tudo. Talvez, se o fato de podermos chamar todas como “Arte Marcial” for todas terem um ponto em comum entre si, então esse ponto comum deve ser alguma alusão à luta, ao combate.

Para o *Coletivo de Autores* (SOARES, 1992), Dança, Jogo, Ginástica, Esporte e Lutas se configuram como objetos dos quais a Educação Física se apropria e isto atesta a relevância

da reflexão sobre estes termos neste âmbito. Além disso, a luta e a arte marcial são parte do cotidiano de muitos: lutando, ensinando, treinando e praticando, assistindo a espetáculos, rejeitando ou desejando a violência aí envolvida, jogando e se divertindo, estudando, pesquisando, usando como ferramenta de intervenção social e política, vendendo, comprando... E isto nos atenta novamente para a importância de pensar estas áreas no âmbito acadêmico.

Mas enfim, o que é Luta para que a Educação Física possa se apropriar dela? O que são Artes Marciais? Por que também não são estas objetos da Educação Física? Ou será que são sob o termo Luta? Ou ainda, o que é Educação Física? A Luta e Arte Marcial são bastante significativas atualmente. Nós as praticamos, ensinamos, treinamos... Mas não é evidente dizer o que são, assim como não é evidente dizer o que é Educação Física. Algumas frases sempre iam e vinham em minha mente enquanto tentava dizer o que é arte marcial e luta:

“Karatê é arte marcial porque tem luta.

Capoeira tem luta, mas esta tende demais para o jogo, por isto não é arte marcial.

Vale Tudo é muito violento para ser arte marcial. Mas se não for violento pode ser arte marcial.

Taekwondo está muito esportivizado, por isto não é arte marcial.

Karatê já não é mais usado como arte para sobrevivência em guerras, por isso não é arte marcial.

Marcial vem de Marte, deus da Guerra, por isso para ser arte marcial tem que estar relacionado à guerra.

Capoeira tem uma origem como arte usada pelos escravos para sobrevivência, por isto é arte marcial.

O Judô busca o desenvolvimento pessoal de seus praticantes, então é arte marcial.

Vale Tudo não tem uma tradição, uma filosofia ou um propósito espiritual, por isso não é arte marcial.

Arte Marcial implica arte, por isso o que não tem arte não é arte marcial.

A prática combativa utilizada pelo exército não é arte marcial, pois tem como fim último a violência.

Arco e flecha não tem luta, por isto não é uma arte marcial.

Para algo ser uma arte marcial tem que ter uma relação direta com técnicas de eficiência em combate.”

Maculelê é muito ligado ao lúdico, por isto não é arte marcial.

De fato, muitas frases com significados que ora se excluem, se sobrepõe, se reforçam, se incluem, se distanciam ou se aproximam. Para Pucineli (2004, p. 3), a problemática se relaciona ao conceito, “por que não há, geralmente, preocupação com a busca pelo conceito e história de determinada prática”. Concordo com Pucineli que o problema está no conceito, mas, ao contrário dele, acredito que não há uma preocupação com entender o que é um conceito.

Palavras, termos, significados, signos, símbolos, sentidos, conceitos... Tantas palavras que remetem a grandes ramos da lingüística, da filosofia e das ciências humanas em geral e com eles questões grandes demais para serem mais que introduzidas em um trabalho de conclusão de curso, mas indubitavelmente fundamentais para qualquer área de conhecimento e para qualquer trabalho acadêmico.

Já no pensamento religioso de alguns milênios atrás as palavras e o dizer possuíam uma importância fundamental. Na Bíblia Cristã temos que “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”¹, e ainda, na Torah, temos que no princípio da criação, “Disse Deus: Haja luz; e houve luz”.

Falamos palavras? Pensamos palavras? Pensamos algo? Nos referimos a algo? Atingimos a realidade através das palavras? Como falar de algo ou explicar algo sem usar palavras ou outros signos? Como pensar sem signos? Como ser sem signos? A realidade são signos? A história são signos e sentidos? Existe relação social sem linguagem? Existe cultura sem relações sociais e ser humano sem cultura e ambos sem linguagem?

Descartes conclui: “penso, logo existo”, e, para Saussure (1949), o pensamento sem a linguagem, é amorfo e indefinido. Thomas Hobbes (2003, p.31), no *Leviatã*, considera a linguagem “a mais nobre e útil de todas as invenções” sem a qual “não haveria entre os homens Estado, sociedade, contrato, paz, tal como não existem entre os leões, os ursos e os lobos”.

O ser humano se significa em sua relação com o outro, na linguagem, nos signos, nas palavras, e esta não se limita à língua oral/escrita. O corpo é em si linguagem, simbolizando,

¹ No original: “εν αρχη ην ο λογος και ο λογος ην προς τον θεον και θεος ην ο λογος”. Tomo aqui uma tradução livre da palavra λογος (*logos*), literalmente “palavra”, mas com um campo semântico mais amplo que no português, daí sua tradução geralmente como “verbo”.

significando o ser humano e sendo significado por ele. Somos sujeitos à linguagem, sujeitos de linguagem.

Diante das perguntas acima relacionadas, fica clara a importância de pensar o simbólico, o significar e a linguagem em sua relação com o sujeito, com a realidade e por consequência com o político. Não buscaremos aqui entender o que é, foi, pode ser ou será arte marcial. Antes o objetivo deste trabalho é nos debruçarmos sobre o que significa significar, problematizar as relações mundo-pensamento-linguagem, os modos de leitura e o funcionamento da interpretação, através do quadro teórico da Análise do Discurso (AD)², fazendo a análise do funcionamento do discurso da Arte Marcial. Buscamos, assim, levantar questionamentos para a Arte Marcial e também contribuir para um relacionamento não ingênuo com a linguagem e para novas formas de leitura do simbólico que podem contribuir substancialmente para a Educação Física e para as Ciências Humanas em suas diversas áreas.

Para chegarmos à AD, começaremos em um primeiro momento expondo o signo, a língua e a fala em Saussure. Seguiremos, para o sujeito ideológico de Althusser, ligando ambas as questões na proposição do Discurso e questionando a transparência da linguagem. Então iremos mais especificamente para o quadro teórico da Análise do Discurso, o processo discursivo, e seu método.

Em um segundo momento, tomando como material inicial os 59 trabalhos de conclusão de curso da Faculdade de Educação Física da Unicamp que tratam de lutas ou artes marciais, recortaremos esse material para analisá-lo, buscando compreender como é construído o discurso sobre a arte marcial. Por fim, faremos uma discussão dos resultados obtidos na análise aos moldes de Pêcheux (2002) em sua crítica à busca por estabilização lógica dos espaços e consideraremos sobre o relacionamento entre a linguagem e o político.

² Mais especificamente a análise do discurso de filiação materialista.

2. Primeira Parte: A Análise do Discurso

Remontando ao fim da década de 60, a AD surge de uma conjuntura intelectual que problematiza questões da lingüística e da filosofia. Configura-se pela crítica a uma lingüística da língua como sistema fechado e abstrato, ao mesmo tempo em que filia-se ao materialismo histórico, enxergando o trabalho simbólico como uma prática material, constituída historicamente, e constituinte do homem e de sua história.

Distingue-se assim da Análise de Conteúdos, não se perguntando “o quê este texto quer dizer?”, mas, entendendo a língua como não transparente, como tendo uma dimensão histórica, pergunta-se “como este texto significa?”, buscando a compreensão dos processos de significação nele presentes.

Partindo de uma concepção do sujeito como determinado pela ideologia, esta material, e descentralizado pelo inconsciente (daí sua ligação com a Psicanálise), crítica o esquema fundamental da comunicação, entendendo que não há comunicação, mas efeitos de sentidos produzidos por sujeitos constituídos em determinadas posições, interpelados pela ideologia, daí a definição de discurso: “efeito de sentidos entre locutores”.

A AD observa o homem falando, buscando contribuir com novas formas de leitura do simbólico em sua relação com a história, concebendo a linguagem “como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (Orlandi, 2005, p. 15).

Começaremos nossa exposição da AD utilizando de uma aproximação com o signo e a dicotomia língua/fala em Saussure, que, embora não remonte ao estado da arte, como é próprio a um trabalho quase secular, mas que de forma alguma perdeu sua importância, daí ser clássico, servirá como fundamento e também para contrastar com o que preconiza a AD³. A partir dele construiremos o esquema elementar da comunicação. Então, com Althusser, outro clássico, trataremos da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, podendo

³ Julgamos prudente proceder assim tendo em vista a distância dessas questões fundamentais da lingüística na formação em Educação Física.

então prosseguir para a crítica ao esquema elementar da comunicação e à transparência da linguagem, com a filiação à perspectiva materialista discursiva.

Seguindo, abordaremos a interpretação e o processo discursivo: o papel da memória, das formações discursivas, dos esquecimentos, das formações imaginárias e da paráfrase e da polissemia. Então encerraremos a primeira parte com uma exposição do método da AD.

2.1. O Signo, a Língua e a Fala em Saussure

Para Saussure (1949, p.28), os fatos da consciência, que ele chama de conceitos, se encontram, no cérebro de um indivíduo, associados às representações das imagens acústicas que lhe servem de expressão. Assim, no exemplo que ele fornece do ciclo da fala, um conceito no cérebro de um indivíduo A dispara uma imagem acústica (processo psíquico) que é transmitido até seus órgãos da fonação (processo fisiológico) e produz um som correlacionado à imagem acústica (processo físico) que é transmitido pelo ar até aos órgãos sensoriais da audição de um indivíduo B. Então, este é transmitido até seu cérebro (processo fisiológico) onde se associa ao conceito correspondente (processo psíquico).

Saussure (*ibidem*, p. 98-99) chama de signo lingüístico⁴ a combinação do conceito e da imagem acústica, lembrando que usualmente o termo signo refere-se à imagem acústica apenas, e propõe usar os termos significado e significante para, respectivamente, o conceito e a imagem acústica, evitando a ambigüidade. Dessa forma, uma palavra é um significante, parte de um signo, que traz um indivíduo em contato com um significado (um conteúdo), conforme exemplificado na figura 1, sendo a base da comunicação e da língua.

⁴ Peirce, segundo Santanella (2009), embora trabalhando paralelamente e não na mesma linha de Saussure, propõe uma classificação dos signos que julgamos interessante citar de passagem. São símbolos aqueles signos que se ligam ao seu significado por uma relação arbitrária (exemplo: palavras). Ícones são aqueles que se ligam a seu significado por uma relação indireta (exemplo: o desenho de um cavalo não é um cavalo, mas significa um cavalo não arbitrariamente). E são índices aqueles que se ligam a seu significado por uma relação direta (exemplo: uma nuvem de fumaça que significa fogo). Porém não entraremos nas problemáticas envolvidas aqui.



Fig.1. O signo é a união de uma imagem acústica e um conceito.

Uma característica do signo importante para nossa exposição é a arbitrariedade do signo. A palavra “livro” não se associa ao seu significado por nenhuma ligação essencial/natural, antes esta ligação repousa “no hábito coletivo ou, o que quer dizer o mesmo, sobre a convenção”⁵ (SAUSSURE, *idem*, p. 100). Pelo mesmo motivo, o significante “livro” se associa a seu significado, e não a outra coisa, arbitrariamente, arbitrariedade esta construída no coletivo social, pela sua consagração no uso.

Pensando o conjunto de signos e suas regras de uso, temos, para Saussure (*ibidem*, p.25), a língua (*langue*), que “é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Em contraposição à língua, sistema coletivo, Saussure propõe a fala (*parole*), como “ato individual de vontade e inteligência” (*ibidem*, p.30). É então a utilização pelo indivíduo da língua e possui como característica ser constituinte da língua.

Retomando o exemplo do ciclo da fala acima, Saussure (*ibidem*, p. 29) o divide em uma parte executiva, o processo psíquico que leva, em A, à produção do som correspondente a um significante, e uma parte receptiva, o processo psíquico de associação do significante a seu significado, em B. Continuando, (p. 30), atribui ao funcionamento da parte receptiva a impressão (fixação) nos indivíduos das convenções signíficas, sendo constituída assim a língua, essa “cristalização social”, pela atividade da fala. É por que todos ouvimos sempre, no ato individual da fala, que a língua coletiva se estabelece.

⁵ As citações de Saussure e Althusser são traduções o mais próximo possível do literal a partir do original francês pelo autor.

Com isto podemos construir o esquema elementar da comunicação (fig. 2), composto de emissor, receptor, código, referente e mensagem. Temos assim que “alguém fala [emissor], refere alguma coisa [mensagem], baseando-se em um código [língua, através dos signos lingüísticos], e o receptor capta a mensagem, decodificando” (ORLANDI, 2005, p. 21).

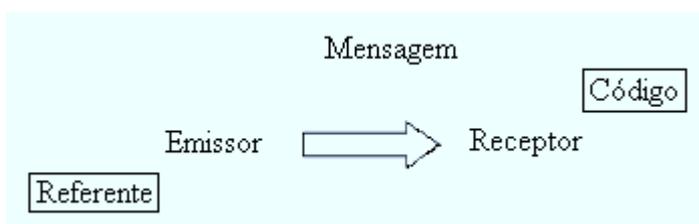


Fig. 2. O esquema elementar da comunicação. Adaptado de Orlandi (2005, p.21).

2.2. O Sujeito em Althusser – A Transparência da Linguagem

Althusser (1975)⁶, considerando a teoria marxista da reprodução dos meios de produção e da força de trabalho, atribui especial função ao que chama de Aparelhos Ideológicos de Estado, “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sobre a forma de instituições distintas e especializadas” (*ibidem*, p.82), como, por exemplo, o aparelho ideológico de estado familiar, escolar, jurídico, entre outros. Deteremos nossa atenção sobre, o que para nós é essencial, “o reconhecimento da presença eficaz de uma nova realidade: a ideologia” (*ibidem*, p. 73).

A ideologia que, segundo Althusser, Marx entende como “o sistema de idéias, de representações que dominam o espírito de um homem ou de um grupo social” (*ibidem*, p. 97), não possui uma história⁷. Explica que são na verdade uma realidade não histórica, omni-histórica, “no sentido em que esta estrutura e este funcionamento, são, de uma mesma forma,

⁶ Artigo publicado originalmente na revista *La Pensée*, em junho de 1970.

⁷ Althusser distingue a “ideologia em geral” das “ideologias em particular” (religiosa, política, moral), sendo que estas possuem uma história situada fora delas, e opta por utilizar simplesmente “ideologia” para se referir à ideologia em geral, assim como nós optamos.

imutáveis, presentes nisso que chamamos a história inteira, no sentido onde o *Manifesto* defini a história como a história das lutas de classe” (*ibidem*, p. 100).

Continuando, Althusser fala sobre o “o objeto” “representado sob a forma imaginária da ideologia” (p. 101), que “não são suas [dos homens] condições de existência reais, seu mundo real, que os “homens” “se representam” na ideologia, mas é acima de tudo sua relação a suas condições de existência que lhes está aí representada” (p. 103), acrescentando que esta relação é de natureza imaginária (p. 104).

Chegamos, então, a que “todo sujeito, dotado de uma “consciência”, e acreditando nas idéias que sua “consciência” lhe inspira e aceita livremente, deve “agir segundo suas idéias”” (*ibidem*, p. 107). Portanto temos que as práticas materiais de um sujeito são determinadas pela ideologia e esta existe materialmente em suas práticas. E, se alguém não age em função das idéias em que crê, é por que ele acredita em outras idéias que não aquelas que proclama (*ibidem, loc. cit.*). De uma forma ou de outra, o sujeito não tem como fugir de sua determinação ideológica, da história que o constitui ideologicamente. E estas práticas materiais ideológicas são, para Althusser

“reguladas por *rituais* nos quais as práticas se inscrevem no seio da existência de um aparelho ideológico, mesmo que seja uma mínima parte deste aparelho: uma pequena missa em uma pequena igreja, um enterro, um pequeno jogo em uma sociedade esportiva, um dia de aula em uma escola, uma reunião ou um encontro de um partido político, etc.” (*ibidem*, p. 107)

Para Althusser, a ideologia possui por função constituir indivíduos concretos em sujeitos, e isto é uma evidência, o “efeito ideológico elementar” (*ibidem*, p. 111), que faz com seja claro que nós todos somos sujeitos. Como diz Orlandi (2005, p. 46) “este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”, apresentando determinações históricas como naturais e imutáveis, levando à reação natural e inevitável de exclamarmos: “É evidente! É assim! É verdade!”⁸ (ALTHUSSER, *ibidem, loc. cit.*).

⁸ No original: “*C’est évident! C’est bien ça! C’est bien vrai!*”.

E, nas palavras de Althusser, “nessa reação se exerce a função de reconhecimento ideológico” (*ibidem, loc. cit*), a qual exemplifica através da figura de uma interpelação policial (*ibidem, p. 113*) em que este diz a alguém: “ei, você!” e a pessoa se volta a ele pois reconhece que essa interpelação se refere a ele, através do reconhecimento ideológico. Brandão (2002), citando Bakhtin (Voloshinov-1929), nos auxilia nessa questão:

“Não tomo consciência de mim mesmo senão através dos outros, é deles que eu recebo as palavras, as formas, a tonalidade que formam a primeira imagem de mim mesmo. Só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro, através do outro e com a ajuda do outro” (p. 51).

Althusser acrescenta sobre isto:

“Isso que parece se passar assim fora da ideologia (mais precisamente na rua), se passa na verdade na ideologia. Isso que se passa na realidade na ideologia parece então se passar fora dela. É porque quem está na ideologia se acredita por definição fora dela” (*ibidem, p. 114*).

Por isso dizer que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Também, Althusser acrescenta (*ibidem, p. 115*), considerando que mesmo antes de uma criança nascer já está definido que ela terá um nome, uma identidade e será insubstituível, que “a ideologia tem sempre já interpelado os indivíduos em sujeitos” (*loc. cit.*), logo todos os indivíduos são já sujeitos e a categoria indivíduo é, então, uma abstração.

Retomando agora o esquema elementar da comunicação, temos que não existem emissor e receptor, mas sujeitos, com suas práticas (dentre elas a linguagem) determinadas ideologicamente. Assim, não é um indivíduo que comunica algo, como por sua própria vontade, para outro, mas a ideologia (a historicidade do sujeito) se realizando nele, através da linguagem, o põe em contato com outros sujeitos, causando efeitos de sentido, significando um ao outro. Por isso “o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2005, p. 21).

Também o sujeito para a AD não age apenas pela ideologia, mas é um “sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente” (BRANDÃO, 2002, p. 54), fazendo com que “sob nossas palavras “outras palavra” se dizem, que atrás da linearidade conforme “emissão

por uma só voz” se faz ouvir uma polifonia” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 140-141, apud BRANDÃO, 2002, p. 55).

Quanto à língua, já Althusser, comentando de passagem, nos diz que é uma evidência “que faz com que uma palavra [signo] “designe algo” ou “possua uma significação”” (*ibidem*, p. 111) e Orlandi (*ibidem*, p. 60) afirma que “não há sentidos “literais” guardados em algum lugar – seja o cérebro ou a língua – e que “aprendemos” a usar.” Não atravessamos as palavras para chegar aos sentidos, elas não são transparentes, mas são construídas historicamente. Daí a crítica à lingüística da língua como um sistema fechado e abstrato, cristalizado, que, embora Saussure reconheça que “todos reproduzirão, - não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (SAUSSURE, 1949, p. 29), esquece a materialidade (historicidade) dos processos de significação. A AD busca escutar essa materialidade presente no dizer, constituída pela inércia da história que age através da ideologia:

“Para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante. Daí Resulta que a interpretação é necessariamente regulada em suas possibilidades, em suas condições. Ela não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. A interpretação não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social.” (ORLANDI, *ibidem*, p. 47).

Por fim, para a AD, nem “sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente” (*idem, ibidem*, p. 52). Como lembra Pêcheux (1990, p. 17), “levar até as últimas conseqüências a interpelação ideológica como *ritual* supõe o reconhecimento de que não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura”. Ambos, sujeitos e sentidos, estão na tensão entre o cristalizado, o estático, e a possibilidade de deslocamento, de mudança, e, nesta tensão, ideologia e linguagem possuem uma relação recíproca. Assim é que “ao dizer, nos significamos e significamos o próprio mundo” (*idem, ibidem*, p. 95).

Retomando as questões discutidas até aqui, tomamos as palavras de Orlandi:

“Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa seqüência em que primeiro um fala e depois outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de

mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. [...] Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na idéia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (*ibidem*, p. 21).

2.3. O Processo Discursivo

Passando pelo signo, a língua e a fala em Saussure, a ideologia e o sujeito em Althusser e a crítica ao esquema elementar da comunicação e à transparência da linguagem, com a proposição do discurso, iremos agora expor o quadro teórico da AD, o processo discursivo, para podermos prosseguir para sua metodologia.

Vimos que não há sentidos literais, mas que estes se constituem historicamente e que o discurso se produz na relação entre língua e história (PACHI FILHO, 2008, p. 3). Assim, ao significar (falando, lendo, jogando, praticando esporte...), não atravessamos os signos para chegar a sentidos, mas somos instados a interpretar. O processo de significação possui uma espessura, uma relação complexa com os sentidos, a qual chegamos através da interpretação, não em um processo natural, como uma evidência, e isto só é possível pela ideologia, a qual apaga o gesto da interpretação, sua determinação histórica, evidenciando o sentido como se ele estivesse sempre já lá (ORLANDI, 2005, p.45-46). Não há uma ligação direta do tipo A equivale (significa) a B, mas toda significação implica por em relação a algo, interpretar, o que faz com que todo objeto simbólico possa ser um outro, possa deslizar (metáfora, como veremos à frente).

A AD “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (*idem, ibidem*, p. 26.), isso, “implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido” (p. 26-27) e para isto, precisamos entender como o discurso é produzido. Ao buscar a

compreensão de um objeto simbólico, buscando saber como ele “produz sentidos” (p. 26), podemos “escutar” outros sentidos presentes no texto.

Todo dizer parte da língua como condição de base (lembrando que esta é entendida como algo não cristalizado), e estes não podem ser entendidos simplesmente como mensagens, como vimos acima, mas efeitos de sentidos (discurso) produzidos em condições determinadas. Mas, fora da dicotomia saussureana (língua/fala), acentua-se fortemente que “o liame que liga as “significações” de um texto às condições sócio-históricas deste texto não é de forma alguma secundária, mas constitutivo das próprias significações” (PÊCHEUX. *et alii*, 1971, p. 98).

Temos assim as condições fundamentais de produção de um discurso: o sujeito (ideológico) e a situação, a qual pode ser considerada em sentido estrito como o contexto imediato (local, pessoas que falam, eventos sendo vivenciados, etc.) e em sentido amplo como o contexto ideológico (sócio-histórico) (ORLANDI, 2005, p. 30). Temos também a memória, sobre a qual nos deteremos um pouco.

A memória tem sua importância pensando “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”, o qual “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (*idem, ibidem*, p. 31). As palavras e os dizeres têm uma opacidade, uma história que retorna inevitavelmente no que dizemos.

As palavras significam por que já ditas anteriormente (interdiscurso, memória), nós apenas as retomamos, embora não lembremos, e isto é o chamado esquecimento nº1 (*idem, ibidem*, p. 35), constitutivo da linguagem. Por isso, embora não lembremos (é da ordem do inconsciente), essa materialidade das palavras e dos dizeres está presente, daí dizer que a língua é espessa, opaca. E sua aparente transparência resulta do trabalho da ideologia: “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (*idem, ibidem*, p. 46).

Além do esquecimento nº1, há também o chamado esquecimento nº2:

“Ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro. Ao falarmos “sem medo”, por exemplo, podíamos dizer “com coragem”, ou

“livremente” etc. Isto significa em nosso dizer e nem sempre temos consciência disso.” (*idem, ibidem*, p.35).

Ele causa a ilusão de que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, mas muitas vezes voltamos sobre ele (daí ser semiconsciente) para especificar melhor o que dizemos.

O sujeito, que possui sua prática simbólica determinada ideologicamente, não age livremente dentro do interdiscurso, do já dito na base do dizível, mas tem sua prática determinada por formações discursivas, regionalizações do interdiscurso, definidas “como aquilo que numa formação ideológica dada [...] determina o que pode e deve ser dito” (*idem, ibidem*, p. 43).

A formação discursiva é entendida frente à metáfora. Para a AD ela não é tratada como figura de linguagem, mas como tomada de uma palavra por outra, sendo a base do sentido das palavras de tal forma que não há sentido sem metáfora. Orlandi, abordando Pecheux, considera que

“O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido” (*idem, ibidem*, p. 44).

Ao falar o sujeito não remete as palavras a todo o interdiscurso, mas a partes destes, regionalizações, sua formação discursiva, determinada por sua formação ideológica, onde as relações de metáfora (os sentidos), historicamente, tem “o lugar mais ou menos provisório” (*idem, ibidem, loc. cit.*).

Unindo estes últimos pontos, temos que a simples possibilidade da linguagem é a memória (interdiscurso), o já dito anteriormente e esquecido, linguagem que a cada dizer (prática determinada ideologicamente) é interpretada em relação à memória, embora isto seja apagado pelas evidências produzidas pela ideologia, sendo remetida à formação discursiva do sujeito, à teia de relações entre palavras (metáforas), significando não apenas em si, mas em relação à situação e às formações imaginárias, que veremos a seguir, ao mesmo tempo em que produz ou pode produzir um deslocamento em todo o processo. E é a partir da compreensão

desta estrutura em um texto que podemos situar os gestos de interpretação e ver como o texto produz sentidos.

As formações imaginárias afetam o funcionamento do discurso em sua relação com o contexto sócio-histórico e a memória. (*idem, ibidem*, p. 39-40). Dentre elas, temos a antecipação, onde, ao dizer, podemos antecipar o efeito que nossas palavras produzem em nossos ouvintes, ou melhor, na imagem que temos de nossos ouvintes, dirigindo nosso discurso em função dos efeitos que queremos causar, embora esse efeito nunca possa ser garantido, já que não dominamos o modo pelo qual os sentidos se produzem para o outro.

Outra, a relação de força implica que nossas palavras significam de forma diferente dependendo de como nos inserimos no contexto histórico. Se nos inserimos como professor, como aluno, como patrão, etc.

Por fim, a relação de sentido leva em conta a relação entre discursos: “os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (*idem, ibidem*, p. 39):

São estas formações imaginárias pois resultam de imagens, não de lugares empíricos e assentam-se “no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas [...] por relações de poder” (*idem, ibidem*, p. 42)

Também as combinações delas podem ser bastante variadas e complexas: “a imagem que o professor tem do que seja um aluno universitário, a imagem que um aluno tem do que seja um professor universitário, [...] a imagem que o dirigente sindical tem da imagem que os funcionários tem daquilo que ele vai dizer” (*idem, ibidem*, p. 41).

Para completarmos nossa abordagem do processo de constituição do discurso, precisamos considerar duas forças que agem sobre o sujeito e a linguagem. A ideologia e a linguagem, em sua relação recíproca, não são estáticas, não apenas determinam práticas que reproduzem sua estrutura, mas tem a possibilidade de produzir o novo, o deslocamento⁹. Estes efeitos são a paráfrase e a polissemia (*idem, ibidem*, p. 36).

⁹ Para o materialismo histórico não se pensa em criação, em surgimento do nada, mas o que existe são deslocamentos, novas associações a partir daquilo que já existe que constituem a novidade histórica. No hebraico está idéia é visível na língua: há dois verbos distintos para criar: “*libro*” (“לברוא”) que é criar a partir do nada,

Se por um lado, ao falar, usando dos sentidos construídos historicamente, fortalecemos estes sentidos ao reproduzi-los (parafraseamos sentidos), ao reforçar o mesmo nas relações de metáforas, ao mesmo tempo podemos causar um deslocamento, uma mudança nessas relações, através do equívoco, do deslocamento dos sentidos (polissemia). E é por que os sentidos não estão acabados, assim como a história tem potencial de mudança, que sujeito e linguagem também não estão acabados, não são eternamente determinados, e ao falar estabilizamos e/ou deslocamos sentidos, significando-os e a nós mesmos. No exemplo de Pêcheux (1990, p. 17) sobre o surgimento do novo discursivo em meio à reprodução:

“Deste ponto de vista, toda genealogia das formas do discurso revolucionário supõe primeiramente que se faça retorno aos pontos de resistência e de revolta que se incubam sob a dominação ideológica.

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...

E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido.

E através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição.”

Porém, convém assinalar que, segundo Orlandi (*ibidem*, p. 37-38), o que vemos com mais frequência é a produtividade (repetição do mesmo) e não a criatividade.

Para fechar este capítulo, retomamos as palavras do apóstolo Thiago na epígrafe. De fato, para a AD, nenhum homem é capaz de dominar a língua, antes são todos eles constituídos por ela.

utilizada exclusivamente em relação a Deus, e “*litsor*” (“ליצור”), usado em relação aos seres humanos, mais próximo a inventar, criar/produzir algo diferente através de associações daquilo que já existe.

2.4. O Método da Análise do Discurso

Tendo visto como a linguagem funciona no processo discursivo, a produção dos efeitos discursivos e da interpretação pela formação material de sujeito e linguagem (ideologia, memória/interdiscurso e formação discursiva), pelo contexto estrito e amplo, o apagamento da interpretação pelo esquecimento, o mecanismo imaginário (formações imaginárias) e a tensão entre estabilização e deslocamento dos sentidos e sujeitos, cabe agora entrarmos no método da AD.

A AD, como dissemos, não busca o conteúdo de um texto, mas como este texto significa, entendendo que esta significação é material, constituída historicamente, busca a compreensão dessa materialidade: “o que temos, como produto da análise, é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições” (ORLANDI, 2005, p.72). Nas palavras de Pachi Filho (2004, p. 6):

“O que se pretende, portanto, no percurso analítico é uma reflexão sobre o funcionamento de um discurso, não a verificação de uma hipótese ou a demonstração da aplicação de uma teoria.”

Parte de um material empírico, o texto, constituindo seu corpus¹⁰, entendido como “unidade que se estabelece, pela historicidade, como unidade de sentido em relação à situação” (ORLANDI, *ibidem*, p. 69), independentemente de ser escrito, oral ou mesmo se realizar no corpo (embora isto seja levado em conta na análise). É só parte de um texto pois este remete a um discurso que o constitui, trazendo marcas dele. Parafraseando o exemplo de Orlandi, uma placa de trânsito de preferência de pedestres é um texto, pois tem sentido naquela situação, remetendo a uma construção histórica e a uma interpretação. Feita a análise, o analista não se volta ao texto, mas passa a ter como objeto o processo discursivo atingido através do texto.

Para a análise, considerando os processos discursivos descritos anteriormente, o analista parte de um dispositivo de interpretação. Não busca colocar-se numa posição neutra

¹⁰ O corpus é o material empírico de sua análise, o(s) texto(s) que analisa.

(*idem, ibidem*, p.61), entendendo isto como impossível, mas relativizar, através do dispositivo, sua posição de leitor, seu gesto de interpretação, permitindo ouvir outros sentidos presentes no texto, através de sua compreensão:

“Sem procurar eliminar os efeitos de evidência produzidos pela linguagem em seu funcionamento e sem pretender colocar-se fora da interpretação – fora da história, fora da língua – o analista produz seu dispositivo teórico de forma a não ser vítima desses efeitos, dessas ilusões, mas a tirar proveito delas” (*idem, ibidem, loc. cit.*).

“Por isso é que dizemos que o analista de discurso, à diferença do hermenêuta, não interpreta, ele trabalha (n)os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (*idem, ibidem, loc. cit.*).

Acrescentamos que não se busca exaurir o objeto de análise como um todo, o que é impossível, mas exauri-lo em relação aos objetivos da análise. Fica assim o objeto aberto a novas análises, segundo outros objetivos.

Em sua análise, o analista parte de uma questão que, junto com a natureza do material e a finalidade da análise, levam à formação de seu dispositivo analítico, o qual se junta às bases teóricas da AD para constituir o seu dispositivo teórico (*idem, ibidem*, p.27). Assim, temos que uma parte dele é de responsabilidade do analista, função dos objetivos de cada análise, e outra parte é sempre a mesma, função do rigor do método.

Formulada a questão, o analista começa a análise referindo-se à superfície lingüística de seu corpus, buscando nele marcas como quando foi produzido, por quem, para quem, em qual contexto, dentre outras, procurando “dar conta do esquecimento número 2 (do domínio da enunciação) e que dá a impressão de que aquilo que é dito só poderia ser dito daquela maneira” (*idem, ibidem*, p.65), procurando pistas para compreender como o discurso pesquisado se textualiza (*loc. cit.*). Com isso partimos da superfície lingüística e chegamos a um objeto discursivo, atingindo as formações discursivas.

Indo e voltando sempre entre o corpus, a análise e seu dispositivo teórico, o analista relaciona a formação discursiva com a ideologia, atingindo então a compreensão (individualizada segundo sua questão) do funcionamento discursivo que produz efeitos de sentidos em seu corpus (*idem, ibidem*, p. 78). Lembramos também que durante toda a análise

deve-se também observar o movimento da tensão entre estabilização e deslocamento dos sentidos (metáfora).

Feita a análise, volta-se à questão inicial e tomam-se os resultados para serem interpretados nos campos disciplinares em que o analista se inscreve (*idem, ibidem*, p. 28).

Para Orlandi, aí está a riqueza da AD:

“Ao permitir explorar de muitas maneiras essa relação trabalhada com o simbólico, sem apagar as diferenças, significando-as teoricamente, no jogo que se estabelece na distinção entre o dispositivo teórico da interpretação e os dispositivos analíticos que lhe correspondem” (*idem, ibidem, loc. cit.*).

3. Análise do Discurso da Arte Marcial

O material analisado foi selecionado dentre os 59 trabalhos de conclusão de curso (TCCs) da Faculdade de Educação Física da Unicamp cujos títulos fazem referência a luta, arte marcial, caratê, judô, capoeira ou algum outro elemento que o associe a arte marcial, listados no anexo A. Escolhemos este material por ser responsável pelas inquietações que levaram à realização desta pesquisa. Um primeiro trabalho de análise durante a leitura dos TCCs levou à seleção de 12 dentre eles, dos quais recortamos trechos buscando regularidades do funcionamento discursivo.

Como Pachi Filho (2008, p. 5) lembra, a determinação do corpus e seus limites já é uma primeira fase da análise e por isso precisamos refletir um pouco sobre ele. Procuramos, nas obras, por pontos onde houvesse algum discurso sobre a arte marcial, o que encontramos principalmente nas introduções, onde em geral buscavam defini-la, ou em alguns poucos trabalhos que se debruçaram mais sobre o tema.

O contexto imediato destes trabalhos são a universidade e a faculdade em que são produzidos, além da situação que leva à sua produção. Estes TCCs são requisitos para a obtenção do título de graduado em bacharel ou licenciatura em educação física, devendo ser aprovados por uma banca e estarem de acordo com as exigências de textos acadêmicos. Estão assim estruturados segundo uma formação imaginária que antecipa as críticas feitas pela banca e pelos leitores e se prepara contra elas. Também estão sujeitas à censura acadêmica implicando o que pode ou não ser dito e como, o que implica um formato ao texto (ABNT, por exemplo), uma coerência do conteúdo e da exposição (problema, objetivo, método, resultados e conclusão) e também a necessidade de apoio para legitimar as informações (indicação de referências de dados e citações) e a valorização da autoridade de outros autores. Além disto, destacamos também a possível coerção da produção dos TCCs devido à sua obrigatoriedade para obtenção de diploma.

Assinam os trabalhos seus autores, que são graduandos, e, na maioria das vezes, também praticantes e professores de artes marciais, e também seus orientadores, especialistas

nas respectivas áreas. Partem de uma relação de forças de autoridade relativa no que dizem. Os autores possuem uma formação em comum na mesma faculdade, o que indica algum nível de homogeneidade em seus discursos¹¹.

Como contexto amplo podemos considerar as formas da universidade e da sociedade atual, dentre as quais destacamos, por se tornar importante para a análise, a valorização quase indiscutível do conhecimento e do método científico como verdade, assim como busca de coerência lógica em todos os âmbitos, um grande movimento de rompimento com o tradicional, a aceitação naturalizada de valores ao molde da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a negação de pensamentos absolutos e a aceitação da diversidade de pontos de vistas (que é em si um pensamento absoluto “disfarçado”) e em todos estes pontos a existência de contradições.

Também destacamos a não aceitação da violência física na sociedade atual como uma condição de produção. A violência, historicamente, não foi algo sempre impróprio, não permitido, negado, repugnado, censurado, mas em diversos momentos e sociedades era aceita sob diversas formas, passando progressivamente a ser não aceita, ao menos explicitamente, ou então somente aceita em determinadas situações muito específicas ou como algo marginal, levando à rejeição social daquilo que se associa com a violência.

A questão que constituirá nosso dispositivo analítico será “como é construído o discurso sobre a arte marcial nestes TCCs, como ele se estrutura, quais seus pontos de apoios, suas constâncias e seus deslocamentos e quais as suas filiações discursivas”. Para a exposição dos trabalhos, buscamos uma organização lógica que facilite a demonstração do funcionamento discursivo. A referência de cada TCC não será adicionada no capítulo “Referências Bibliográficas”, mas constará nos anexo A, sendo aqui citado o autor e o ano.

O discurso sobre a arte marcial não se constrói apenas em cima do termo arte marcial, mas são vários os termos, particularmente as formas nominais, utilizadas nesse discurso, às quais estaremos atentos durante a análise, como *Arte Marcial*, *Artes Marciais*, *arte marcial*, *artes marciais*, *luta*, *lutas*, *práticas combativas*, *modalidades de artes marciais*, *tradição*

¹¹ Os trabalhos são datados de 1994 a 2009, portanto a formação acadêmica dos autores deve ter variações refletindo mudanças acadêmicas da área nestas datas. Um trabalho interessante seria analisar quais as permanências e deslocamentos do discurso sobre a arte marcial com as variações no campo acadêmico da educação física nas últimas décadas e também qual o discurso em outras locais, como academias, campeonatos, mídia, etc.

marcial, espírito das artes marciais, prática das artes marciais, artistas marciais, técnicas combativas, arte de combater, técnicas de Arte Marcial, técnicas marciais e outros.

3.1. Ancoragem na Origem: Denegação

A Origem como Necessidade

O discurso sobre a arte marcial apresenta regularidades (marcas lingüísticas) que lhe constituem e dão um funcionamento próprio. Um destes funcionamentos é a ancoragem na origem e sua associação com a necessidade, como veremos abaixo.

(1) **“A Origem das Artes Marciais: Origem do Jiu-Jitsu**

Por todo o Oriente, e mesmo na China, **já deveriam existir pessoas que praticavam Artes Marciais. A necessidade de usar o corpo como defesa da vida, era naqueles tempos uma questão de vida ou morte.**” (FAYAN, 2000, p. 5)

(2) **“Assim como o Taekwondo, várias artes marciais tiveram suas origens para a solução de conflitos militares,** deixando um caráter agressivo e muitas vezes violento na prática de suas técnicas específicas.” (CARNEIRO, 1996, p. 5)

(3) **“Em geral, a origem das lutas surge como uma forma de autodefesa visando a resolução de situações conflituosas” (ALVES JUNIOR, 2006, p.1). Nada estava disponível tão facilmente, como acontece atualmente.**” (AGUIAR, 2008, p. 19)

Observamos em (1) um capítulo que se propõe trabalhar com a origem das artes marciais em seu título. Aqui arte marcial é elevada à propriedade de um nome próprio através da utilização de iniciais maiúsculas. A existência de “pessoas que praticavam Artes Marciais” no Oriente é associada com o verbo “dever”, indicando a necessidade de ser assim e não de outra forma, o que é justificado no parágrafo seguinte pela “necessidade de usar o corpo como defesa da vida”, esta elevada ao ponto máximo pela expressão “questão de vida ou morte”.

Em (2) observamos um caso semelhante, onde a arte marcial, não tratada como nome próprio e exemplificada no Taekwondo, tem sua origem associada à “solução de conflitos militares”, em contraposição a “defesa da vida” em (1), subentendendo-se também uma relação com a necessidade de sobrevivência, pela inevitabilidade de conflitos, e, assim, seu “dever” de existir, mas esta não elevada no nível de “questão de vida ou morte” pelo autor.

Já em 3 observamos, tomando da autoridade de Alves Junior ao cotá-lo, “origem” associada a “autodefesa” e a “resolução de situações conflituosas”, semelhantemente a (2), também justificada com a necessidade de ela ser assim em “nada estava disponível tão facilmente”. Porém esta origem, em paráfrase com (1) e (2), se associa a “lutas”, que é utilizada intercambiavelmente com “arte marcial” pelo autor, como veremos em (21).

(4) “Diálogo 2: Reflexões acerca das idéias sobre Luta e Arte Marcial

“LULA: Mas nós não vamos estudar aqui história e filosofia?

FABIO: Lula, o objetivo do grupo é discutir formas de ensino, metodologia! Pelo menos no momento! Não nos cabe agora, as Artes Marciais. Estudemos Luta!

LULA: Mas eu não vejo como separar uma coisa da outra.

FABRÌCIO: Podemos, Lula. Mas talvez o termo “separar” não seja o mais adequado. Um conceito está muito interligado no outro.”

“LULA: Pois então, expliquem.

FABIO: Realmente deveríamos pensar sobre isso, pois se um conceito está tão próximo do outro, devemos ter os dois bastante claros, pelo menos para nós. Alguns autores realmente parecem não estabelecer diferenças entre eles. Severino (1985) é um exemplo.”

“FABIO: [...] Acho interessante a definição de Natali (1987): Artes Marciais são práticas combativas desenvolvidas para defesa de uma comunidade.”

[...]

“FABIO: [...] Neste sentido, o boxe e o judô, por exemplo, não poderiam ser considerados Artes Marciais, pois para isso é necessário buscar a origem: o judô, no caso, foi criado baseado nas técnicas do ju-jutsu para poder ser mais acessível à população e numa proposta de prática educativa.”

“LULA: Pode ser. Parece-me interessante. Mas, falta algo...

“HENRIQUE: Se assim for, qualquer forma de defesa territorial é uma Arte Marcial.”

“FABRÌCIO: É... realmente uma informação interessante, mas não conceitua Arte Marcial.”” (PUCINELI, 2004, p. 13-14)

(5) “As modalidades de artes marciais, de um modo geral, tiveram uma origem um tanto quanto comum, muitas vezes heróica, desenvolvida para a proteção dos domínios territoriais de um país por

exemplo, para a formação de um exército de proteção individual, a reis e imperadores, ou até mesmo como forma de defesa pessoal, contra malfetores ou sistemas de opressão.

No entanto, não pode-se deixar de lado o aspecto “*arte*” da palavra, que vem por significar um comprometimento com o desenvolvimento geral do praticante, tanto em seu aspecto marcial como no aprimoramento de suas qualidades e capacidades físicas, mentais e sociais, entre outras.” (LOURENÇO FILHO, 1997, p. 16)

Em (4) temos a simulação de um diálogo proposto por Pucineli em seu trabalho de conclusão de curso. Observamos novamente uma paráfrase associando “Artes Marciais” à defesa de uma comunidade, apoiado na autoridade de Natali e tido como uma definição “interessante”. Na sequência, boxe e judô são excluídos de Artes Marciais por não obedecerem esta definição, sendo a arte marcial aqui considerada um conjunto que contém elementos.

Podemos ver em (5) novamente a associação da origem das “modalidades de artes marciais” em “geral” ligada à defesa, à guerra, à proteção. Esta utilização de artes marciais como “modalidades” é semelhante ao que vimos em (4), um conjunto onde judô e boxe foram excluídos.

(6) **“Diante das ameaças que sofria por parte dos animais ferozes na época pré-histórica, o homem ao tentar elaborar sistemas de defesa para com eles lutar, começou por imitá-los, adaptando para si, movimentos de ataque e de defesa semelhantes aos utilizados pelas feras. Cada povo fez sua tradição marcial (Waza e Shin).** Evidentemente que com o surgimento de armas de fogo, altamente desenvolvidas, os Waza (técnicas), deixaram de ter importância prática em termos de guerra. Por outro lado, com o consumismo exagerado dos tempos modernos, com certa degradação de valores importantes, segundo SEVERINO (1988) o espírito das Artes Marciais, (Shin), através do caminho marcial, (Budô), passou a ser uma das terapias mais indicadas para recolocar o ser humano em sua posição de equilíbrio natural. O consumismo japonês, do século XIX provocou o superficialismo e alterou o espírito nipônico.” (FAYAN, 2000, p. 6)

Em (6) o surgimento de movimentos de ataque e defesa, associados a “tradição marcial”, “Waza e Shin” e mais a frente a “Artes Marciais”, é tida como função das “ameaças que sofria por parte dos animais ferozes” na pré-história, que podemos ver como um deslocamento da necessidade de “defesa à comunidade” para defesa de animais ferozes, ainda em paráfrase com “defesa à vida” e “autodefesa”.

(7) “Partindo do estudo do significado da palavra “arte marcial”, pode-se encontrar entretanto um pouco mais sobre suas diversidades, **até mesmo suas origens: “Marte” era o deus grego da guerra, portanto arte marcial compreende a “arte de guerrear”, a “habilidade em lutar”, conforme a tabela abaixo:**

Arte

Capacidade que o homem tem de, dominando a matéria, por em prática uma idéia. Maneira, modo. Habilidade. Profissão.

Conjunto de preceitos para a perfeita execução de qualquer coisa; artifício, ofício, profissão, astúcia, habilidade.

FONTE: Minidicionário Aurélio / Minidicionário Silveira Bueno” (LOURENÇO FILHO, 1997, p. 15)

Marcial

Relativo ou próprio da guerra, bélico.

Que diz respeito à guerra

(8) 1.1 – A Milenar Origem das Artes Marciais

“Antes de discorrer sobre métodos de treinamento para atletas de combates e rotinas de kung fu, é necessário uma apresentação a este mundo das Artes Marciais.

O início das Artes Marciais possui uma origem milenar que se (con)funde com a própria história do homem e sua necessidade de luta. Uma luta que se caracteriza por técnicas de caça a animais e coleta de alimentos, ou por uma disputa por posses contra pessoas e tribos.

Com o passar do tempo, tais técnicas sofreram uma evolução; utensílios do cotidiano foram adaptados e ganharam fins bélicos para ataque e defesa, dá-se aí, o surgimento das armas.

O uso de animais como transporte e ataque ágil, forte e veloz (cavalos, elefantes, feras), a metalurgia (uso de metais como aço e ferro) e o surgimento de formas de luta mais refinadas deram nova dimensão às técnicas de luta. Passo a passo, estas começaram a se organizar compondo uma sistematização das técnicas de luta. Foi esta sistematização que permitiu que cada vez mais estas técnicas fossem transmitidas, reelaboradas e novamente transmitidas por seguidas gerações.

Isto aconteceu em todas as partes do mundo, com diferentes civilizações. Porém, seremos específicos e iremos nos direcionar as artes marciais orientes. Nome este conceituado por padrões ocidentais: (ORTEGA, 1997, p. 2-3)

Podemos observar em (7) a associação da origem da arte marcial com a “arte de guerrar” ou a “habilidade de lutar”, apoiado na etimologia da palavra. Não há menção a algum tempo, mas subentende-se a inevitabilidade da guerra e sua origem também inevitável por isso. Em (8) vemos associação da arte marcial com a “necessidade de luta” e com “técnicas de caça” e “disputa por posses contra pessoas e tribos”. A isto segue uma explicação do desenvolvimento desta desde formas mais primitivas a formas mais complexas, “sistematizadas”.

Vimos até aqui que o discurso sobre a arte marcial é construído associando-a a termos parafrásticos como “autodefesa”, “solução de situações conflituosas”, “defesa da vida” e “defesa de uma comunidade” em torno de “origem”, justificadas porque, neste passado, era

necessário, devia-se, não havia como evitar estas situações. Também vimos em (4) e (5) uma associação da arte marcial a um conjunto compostos por elementos (“modalidades”).

O que podemos observar é que neste discurso a arte marcial é ancorada em sua naturalização, torna-se algo intrínseco à existência do homem ao se associar a conflitos próprios à existência. A questão do conflito implica também uma associação com “luta”, “guerra”, “morte”, “agressão” e “violência”, porém estes termos não são utilizados se não em (7), guerra e luta, e (8), luta, na associação com a origem de arte marcial, mas sim “autodefesa”, “solução de situações conflituosas” e “defesa da vida”, “defesa contra malfeitores”, que possuem um sentido moralmente neutro ou positivo.

A Origem como Desenvolvimento Pessoal

Embora haja uma ancoragem na existência inevitável da luta para firmar o discurso da origem da arte marcial, os deslocamentos e variações são muito presentes.

(9) **“Segundo DA LIU (1986), uma possível origem das artes marciais, no Oriente, se deu quando o mestre Ta Mo, também conhecido como Daruma, veio da Índia para a China, por volta de 530 d.C. e fundou uma escola Zen Budista no mosteiro Shao Lin.** Percebendo a fraqueza física de seus estudantes, que só praticavam meditação, desenvolveu uma forma simples de exercício para estimular a circulação, soltar as articulações e restabelecer a vitalidade. Mais tarde, utilizou-se de bastões, facas e espadas, tornando sua prática cada vez mais vigorosa.

Posteriormente, os exercícios Shao Lin tornaram-se conhecidos em toda China, em virtude de exibições de autodefesa. Com isso, as pessoas acabaram esquecendo-se de que os exercícios deveriam ajudar na prática da meditação e no desenvolvimento espiritual, utilizando-os para diversos fins pessoais ou com propósitos militares.

O mesmo autor nos diz que, no antigo oriente, a prática das artes marciais, mesmo quando utilizadas em confronto entre povos, era baseada na filosofia, na moral e bastante intensamente na religião e no desenvolvimento espiritual, só ocorrendo competições por motivo de festividades.” (CARNEIRO, 1996, p. 4)

Observamos em (9), apoiado na autoridade de Da Liu, um discurso sobre a origem das artes marciais, particularmente adjetivadas como do “Oriente” e como “possível”, indicando incerteza. Aqui a origem é associada a Ta Mo, a uma escola Zen Budista que ele fundou, ao mosteiro Shao Lin onde estava a escola e aos exercícios aí praticados. Estes exercícios são associados à autodefesa e a exibições de autodefesa, que os popularizam e ao mesmo tempo levam à desfiguração do seu dever (“deveriam”) de “ajudar na prática de meditação e no

desenvolvimento espiritual”. Esta desfiguração é devida ao esquecimento (esquecendo-se), uma falha na capacidade de lembrar e tem como consequência a utilização “para fins pessoais ou com propósitos militares”.

Entretanto, este esquecimento que leva ao uso militar, não é tomado como falha no terceiro parágrafo, mas como algo existente, embora não regular como outros usos (observar a palavra “mesmo” em “mesmo quando utilizadas em confronto entre povos”) e que nesse aspecto de não falha a arte marcial era sempre “baseada na filosofia, na moral e bastante intensamente na religião e no desenvolvimento espiritual”.

Vemos aqui o discurso que associa a arte marcial à “autodefesa”, porém esta é deslocada como negativa, causadora de uma falha, que é a associação com “fins pessoais” e “propósitos militares”, um outro deslocamento da relação com a defesa/conflito para um aspecto secundário decorrente de falha. Porém, em seguida, o aspecto militar não é tido como falha, mas é novamente deslocado a um aspecto positivo ao ser associado com “filosofia”, “moral”, “religião” e “desenvolvimento espiritual”.

(10) “LUTAS X ARTES MARCIAIS

Para começarmos a entender, no contexto das “lutas”, a filosofia que está por trás do Budô, temos de começar por distinguir formas genéricas de lutas daquilo que passaremos a referir como Artes Marciais, podendo-se admitir que estas sejam entendidas como um subconjunto daquelas.

PAYNE (1987, p.5), por exemplo, na introdução de seu livro *Martial Arts, The Spiritual Dimension*, logo em seu primeiro parágrafo afirma:

“Há uma importante distinção, amiúde inadequadamente reconhecida, entre artes marciais e lutas simplesmente. A distinção não é de competência ou técnica; **as artes marciais todas têm sua origem como parte de um sistema total de treinamento, cujo objetivo último era uma radical transformação do próprio ser do praticante. Geralmente essas raízes têm sido negligenciadas, pouco enfatizadas ou totalmente abandonadas; no entanto sua dimensão espiritual é o coração das artes marciais.**” (GITIRANA, 2000, p. 5-6)

(11) **“Conforme descrito inicialmente neste capítulo, uma das possíveis origens das artes marciais orientais era de se criar uma forma auxiliar do desenvolvimento espiritual.** Muitos mestres de artes marciais tentam transmitir uma filosofia de vida aliada aos movimentos das artes marciais, no sentido de se autoconhecer internamente e de se conviver socialmente de uma forma mais fraterna e humana.” (CARNEIRO, 1996, p. 7)

Observamos em (10) a utilização de uma citação de Payne usada pelo autor como exemplo para “distinguir formas genéricas de lutas daquilo que passaremos a referir como

Artes Marciais”. Na citação de Payne as origens das artes marciais são associadas a “parte de um sistema total de treinamento, cujo objetivo último era uma radical transformação do próprio ser do praticante”. No fim da citação, as origens, aqui tratadas no sinônimo “raízes”, são ditas negligenciadas e postas em oposição a uma “dimensão espiritual” tida como o “coração das artes marciais” que assemelha-se às origens em (11), “criar uma forma auxiliar do desenvolvimento espiritual”.

Vemos aqui novamente a associação da origem da arte marcial com o termo “espiritual”, como “coração” das artes marciais em (10) e como objetivo em (11). Também vemos a associação a um novo termo “sistema total de treinamento”. Nestes dois casos a referência a uma origem relacionada à defesa/conflito/guerra está ausente, restando a referência apenas a aspectos positivos sendo que a arte marcial se relaciona com eles no “desenvolvimento”, na “transformação” e no “auxiliar”.

(12) “Para complementar minha discussão, apresento um possível conceito de Villamón e Espartero (1999) para Artes Marciais:

(...) conjunto de práticas e artes de combate desenvolvido nos distintos países asiáticos não só por integrantes do estabelecimento militar e guerreiro, mas também por diferentes membros de outras classes sociais, **subjazendo nessas práticas um nexos comum e peculiar, que é a existência de um fim ou propósito que tende a um motivo mais espiritual que puramente prático (p. 68).**

Arte marcial, então, caracteriza-se por uma prática baseada em sistemas de defesa específicos e tem (ou tinha) como objetivo “moldar” a pessoa a um determinado modo de vida, o que é comumente chamado de “desenvolvimento pessoal”. Luta envolve disputa, o que não é, necessariamente, característica das práticas marciais, o que não significa que o elemento luta não possa estar presente. Em geral, a diferença conceitual básica entre Luta e Arte Marcial é que, na primeira, a disputa é o fim, treina-se para lutar; na segunda, a luta, se houver, é meio para atingir outros objetivos.” (PUCINELI, 2004, p. 44)

Em 12 observamos a citação de Villamón e Espartero, que data as artes marciais, situa os responsáveis por seu desenvolvimento e as restringe a países asiáticos. Apesar desse deslocamento, temos novamente a referência à um objetivo um “fim”, “propósito”, “motivo” espiritual.

Em seguida, explicando a citação, o fim de defesa da arte marcial é deslocado, em referência ao “motivo mais espiritual” da citação, para o objetivo de “moldar” a pessoa a um determinado modo de vida”, colocado como sinônimo de “desenvolvimento espiritual”.

(13) **“Como grupo humano, as artes marciais possuem ética e moral próprias, definidas de acordo com suas origens e modificadas pelo próprio homem, com o passar do tempo.** É objetivo deste trabalho destacar apenas um pouco destes princípios de algumas artes marciais, ressaltando que há um consenso de não violência nos códigos de ética das principais artes, embora valorize-se um certo grau de agressividade para com os obstáculos naturais da existência humana.” (CARNEIRO, 1996, p. 7)

(14) “Para tanto é necessário lutarmos por um processo de desmistificação. Pois, as artes marciais enfrentam um grande preconceito quando rotuladas como uma atividade agressiva, imagem esta calcada por filmes e atos violentos executados por pessoas que de forma ignorante se consideram ‘artistas marciais’. **Analisadas em seu contexto histórico, em sua origem milenar, sabe-se que as artes marciais possuem uma filosofia e essência que vão muito além da luta,** com uma grande relação com natureza, que com respeito e inspirado em suas formas executa movimentos que conduzem o praticante a busca de um equilíbrio e harmonia interior. Portanto, ao contrário do que muitas pessoas erroneamente pensam, a verdadeira Arte Marcial não está associada a violência.” (ORTEGA, 1997, p. 39)

(15) “Apesar de toda bagagem histórico e cultural de diferentes povos espalhados pelo mundo, **ocorre que no ocidente as artes marciais estão perdendo os conceitos filosóficos de suas origens,** por conta do forte processo de esportivização, já citado. A criação de inúmeras regras e o sistema de classificação por faixas e de graduações dentro de cada etapa torna visível o processo de ocidentalização dessas artes marciais e que hoje são também chamadas de luta.” (AGUIAR, 2008, p. 20)

Em (13) a (15), não encontramos referência a “desenvolvimento pessoal”, “crescimento espiritual” ou algum objetivo específico. Mas encontramos, em (13) uma associação da origem das artes marciais com ética e moral. Em (14), de forma semelhante, tido como um conhecimento comum pelo verbo “sabe-se”, a associação entre a origem e “filosofia” e “essência”, havendo presença de “luta”, mas sendo deslocada para um nível inferior. Observamos novamente em (15) a associação de “origens” com filosofia em “conceitos filosóficos”.

(16) 4.4 As Diferentes Categorias de Chi Kung

“Ao analisar o desenvolvimento histórico do Chi Kung, é possível atentar para diferentes buscas, ênfases e métodos, que formaram diferentes categorias ou escolas. Dentro de cada categoria ainda seria possível traçar suas bifurcações ou ramos, porém aqui será feita apenas a análise das quatro categorias maiores: a Religiosa, a Médica, a de Arte Marcial e a Erudita ou Escolástica.

[...]

A Escola de Artes Marciais se desenvolveu em diferentes ramos, mas sua base inicial está dentro de locais fechados, sejam em famílias ou nos mosteiros. **Suas influências religiosas são muito fortes, pois os artistas marciais eram, em sua maioria, monges e se não fossem monges, eram discípulos de monges que se dispersaram ao longo do território e ensinaram suas artes ao povo. Os mosteiros praticavam principalmente o taoísmo e/ou o budismo. Por isso vê-se a grande influência destas filosofias nas artes marciais, algo que não se restringe somente à China, mas pode ser encontrado em todos os países que receberam estas influências filosóficas. Os artistas marciais possuíam um alto nível de treino, seus corpos**

deviam possuir uma alta resistência e um nível de força elevado para poder defender sua própria vida e dos mosteiros nas épocas de guerra, invasões e roubos. A prática do Chi Kung se inicia dentro das artes marciais com Bodhidarma, ao ensinar o Yi Xing Jin (Clássico Cambio Músculo-Tendíneo), ensinando como o Chi pode ser liderado pela mente, aumentando sua força e potência. **O treino espiritual era também enfatizado, pois se praticava a religião e a meditação juntamente com as artes marciais.** (CASTRO JUNIOR, 2007, p. 66-67)

Embora não traga referências a origem, observamos em (10) associação dos artistas marciais, e não da arte marcial, com “monges”, com a “religião” e com “filosofias”. Também há uma associação dos artistas marciais à defesa pessoal e a relação da “arte marcial” com o “treino espiritual” é justificada pela prática local de religião e meditação.

Os discursos sobre a origem da arte marcial são múltiplos e variados, trazendo deslocamentos e variações. Vemos variações que deslocam a questão da defesa/guerra/conflito como secundária ou falha em (7), (12) e (14). Observamos também aqui predominância de um discurso que vincula sua origem a finalidades e objetivos de desenvolvimento/auxílio, sendo o objeto destes, muitas vezes utilizados em paráfrase, termos positivos como “filosofia”, “espiritual”, “moral”, “ética”, “religião” e “desenvolvimento pessoal”. Já em (16), a associação com “religião”, “espiritual” e “filosofia” é uma condição secundária, decorrente dos artistas marciais serem monges.

O que observamos é a ancoragem na origem servindo de suporte para a atribuição e estabilização de propriedades (filosofia, defesa, luta...) da arte marcial. Ao mesmo tempo vemos também o mecanismo psicanalítico de denegação da violência. A denegação é um mecanismo de defesa “através do qual o sujeito exprime negativamente um desejo ou uma idéia cuja presença ou existência ele recalca” e assim o “recalcado é reconhecido de maneira negativa, sem ser aceito” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 145). A denegação, para a AD, segundo Indursky (1990, p. 120) propõe, deve ser pensada frente à formação discursiva:

“Assim, proponho que se considere a denegação discursiva aquela negação que incide sobre um elemento do saber próprio à FD [formação discursiva] que afeta o sujeito do discurso. Ou seja, a denegação discursiva relaciona-se com a interioridade da FD e com o modo como o sujeito com ela se relaciona.”

Trata-se assim de uma formação discursiva onde a violência pode ser dita, mas é recalçada por razões conjecturais (*idem, ibidem, loc. cit.*). Afirma-se a não violência, o

desenvolvimento pessoal, a filosofia para negar a violência e a violência fica afirmada no negativo, já que é recalcada sua afirmação positiva. Não há denegação da filosofia, do espiritual e dos sentidos positivos, mas há um movimento em direção de romper com uma violência que se encontra estigmatizada e que ao mesmo tempo a torna presente no negativo e traz à memória uma história, presente ou passada, de violência, um movimento de deslocamento discursivo onde o percurso deste deslocamento se mostra.

A esse mecanismo de denegação juntam-se mecanismos de antecipação e de justificação. Assim, a não aceitação da violência é antecipada pelo enunciador, denegada, e a associação da arte marcial com a violência, em sua origem, é justificada como a necessidade (a naturalização) de defesa/proteção, como falha ou ainda com a afirmação de finalidade de desenvolvimento pessoal.

3.2. Fronteiras entre o Passado, o Presente e o Outro: Idealização

Outro funcionamento que observaremos agora é o estabelecimento de fronteiras no discurso sobre a arte marcial, onde esta é delimitada e os elementos próximos a e este discurso são situados para fora ou dentro destas fronteiras.

(1) **“A Origem das Artes Marciais: Origem do Jiu-Jitsu**

Por todo o Oriente, e mesmo na China, já deveriam existir pessoas que praticavam Artes Marciais. A necessidade de usar o corpo como defesa da vida, **era naqueles tempos** uma questão de vida ou morte.” (Fayan, 2000, p. 5)

(2) “Assim como o Taekwondo, várias artes marciais **tiveram suas origens** para a solução de conflitos militares, **deixando um caráter agressivo e muitas vezes violento** na prática de suas técnicas específicas.” (CARNEIRO, 1996, p. 5)

(3) ““Em geral, a origem das lutas surge como uma forma de autodefesa visando a resolução de situações conflituosas” (ALVES JUNIOR, 2006, p.1). Nada **estava disponível** tão facilmente, como acontece atualmente.” (AGUIAR, 2008, p. 19)

(4) **“Diálogo 2: Reflexões acerca das idéias sobre Luta e Arte Marcial**

“LULA: Mas nós não vamos estudar aqui história e filosofia?

FABIO: Lula, o objetivo do grupo é discutir formas de ensino, metodologia! Pelo menos no momento! Não nos cabe agora, as Artes Marciais. Estudemos Luta!

LULA: Mas eu não vejo como separar uma coisa da outra.

FABRÍCIO: Podemos, Lula. Mas talvez o termo “separar” não seja o mais adequado. Um conceito está muito interligado no outro.”

“LULA: Pois então, expliquem.

FABIO: Realmente deveríamos pensar sobre isso, pois se um conceito está tão próximo do outro, devemos ter os dois bastante claros, pelo menos para nós. Alguns autores realmente parecem não estabelecer diferenças entre eles. Severino (1985) é um exemplo.”

“FABIO: [...] Acho interessante a definição de Natali (1987): Artes Marciais são **práticas combativas desenvolvidas** para defesa de uma comunidade.” (PUCINELI, 2004, p. 13-14)

(5) “As modalidades de artes marciais, de um modo geral, **tiveram uma origem** um tanto quanto comum, muitas vezes heróica, **desenvolvida para a proteção** dos domínios territoriais de um país por exemplo, para a formação de um exército de proteção individual, a reis e imperadores, ou até mesmo como forma de defesa pessoal, contra malfetores ou sistemas de opressão.

No entanto, não pode-se deixar de lado o aspecto “*arte*” da palavra, que vem por significar um comprometimento com o desenvolvimento geral do praticante, tanto em seu aspecto marcial como no aprimoramento de suas qualidades e capacidades físicas, mentais e sociais, entre outras.” (LOURENÇO FILHO, 1997, p. 16)

(17) “**Antigamente**, a arte marcial **era um instrumento** essencialmente bélico, considerada ao extremo da palavra. **Era constituída** por técnicas mortais, cuja eficiência tinha de ser conquistada e provada na prática. Outra característica muito importante **era a forma da divulgação** deste conhecimento, as técnicas **eram passadas** de pais para filhos, ou de mestres para discípulos, onde seus alunos **passavam frequentemente** por desafios e provas de lealdade e fidelidade, **não tinha lugar** para os mais fracos, muitos **eram os que desistiam** no meio do caminho, muitos **eram os derrotados**.” (LOURENÇO FILHO, 1997, p. 25)

Observamos em (1) a (5) e em (17) um processo de situar a origem da arte marcial, através de verbos e termos que remetem ao passado (em destaque), onde é criada uma fronteira entre a arte marcial atual e antiga e características negativas, particularmente a relação com a defesa/guerra/violência, são afastadas para o lado “passado” da fronteira .

Em (1) e (3) este afastamento se apóia na não mais necessidade da arte marcial para a defesa (“era naqueles tempos uma questão de vida ou morte” e “nada estava disponível tão facilmente, como acontece atualmente”). Porém em (2) o afastamento da defesa/luta/violência não é total, mas permanece na forma de resquícios, na expressão “deixando um caráter agressivo e muitas vezes violento”.

Novamente, este mecanismo é variado e possui muitos deslocamentos:

(18) “CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Apesar de haver uma proposta pedagógica por trás das Artes Marciais, muitas **chegaram a esta condição a partir da influência de filosofias a que foram expostas enquanto ainda estavam numa situação original de técnicas combativas**. A esgrima européia, por exemplo, antes de ser o esporte que hoje é, desenvolvera-se como técnica para confrontos reais. Assim também, no Oriente, nas palavras de HYAMS (1992, p. 12),

“As artes marciais começaram a desenvolver esta ênfase sobre o crescimento espiritual da pessoa no século XVI, quando diminuiu no Oriente a necessidade das habilidades marciais. As artes marciais sofreram uma transformação: de meio prático de combate, visando a morte, passaram a ser um treinamento educativo espiritual que enfatizava o desenvolvimento pessoal do praticante. Assim, a arte de combater com uma espada, *kenjutsu*, converteu-se no “caminho da espada”, *kendô*. Não tardou para outras artes marciais receberem o afixo *dô*, que significa “o caminho”, ou, mais precisamente, “o caminho para a iluminação, a auto-realização e entendimento”. Este elemento Zen reflete-se com intensidade diferenciada no aikidô, no judô, no karatê-dô, no tae-kwon-dô, no hapkidô e no jit-kune-dô, entre outros.” (GITIRANA, 2000, p. 9).

(19) **“Seguindo uma evolução histórica, quando não mais havia necessidade extrema de combate individual, por já haver uma sociedade organizada que dispunha de exércitos com pessoas especialmente preparadas para lutar, as técnicas de Arte Marcial passaram a ser além de uma forma de Defesa Pessoal, uma opção de lazer (principalmente para a elite que não se arriscava nos campos de batalha) e também de aprimoramento e manutenção do condicionamento físico.”** (ORTEGA, 1997, p. 3)

Observamos em (18) que a fronteira com o passado é tomada como consequência de um percurso que as artes marciais percorrem e sofrem alterações (“chegaram” e “mudaram”). Isto se repete no segundo parágrafo, uma citação de Hyams, onde o percurso é associado a momentos históricos no qual a sua necessidade diminuiu (“quando diminuiu no Oriente a necessidade das habilidades marciais”). Em (19), a fronteira com o passado também é tomada como processo (“evolução histórica”) e relacionado a não mais necessidade.

Também notamos aqui um ponto em comum com o que vimos na seção anterior, onde a origem é associada à defesa e há associação com “filosofias”, “espiritual” e “desenvolvimento pessoal” e com a finalidade da arte marcial (“ser um treinamento...”). Porém isto que nos trechos anteriores estava associado à origem aqui encontra-se como algo secundário relacionado à “influência de filosofias a que foram exposta...”. Destacamos também a associação da arte marcial com morte em (“visando a morte”), o que como vimos é incomum, sendo preferido termos moralmente neutros ou positivos, porém a dimensão negativa da associação é perdida devido ao afastamento fortemente enfatizado.

Vemos também em (18) e (19) a associação da arte marcial com “Defesa Pessoal”, “lazer” e “manutenção e aprimoramento do condicionamento físico” em (19) como

consequência do processo de distanciamento do passado, em contraste com (18), onde o processo leva a sua associação com “treinamento educativo espiritual” e “desenvolvimento pessoal do praticante”. Nisto observamos uma relação diferente com o passado, de aproximação, onde o passado processual culmina na permanência da associação com características positivas (educação, espiritual, lazer, aprimoramento...).

(20) “Diante das **ameaças que sofria** por parte dos animais ferozes na época pré-histórica, o homem ao tentar elaborar sistemas de defesa para com eles lutar, começou por imitá-los, adaptando para si, movimentos de ataque e de defesa semelhantes aos utilizados pelas feras. Cada povo fez sua tradição marcial (Waza e Shin). **Evidentemente que com o surgimento de armas de fogo, altamente desenvolvidas, os Waza (técnicas), deixaram de ter importância prática em termos de guerra. Por outro lado, com o consumismo exagerado dos tempos modernos, com certa degradação de valores importantes, segundo SEVERINO (1988) o espírito das Artes Marciais, (Shin), através do caminho marcial, (Budô), passou a ser uma das terapias mais indicadas para recolocar o ser humano em sua posição de equilíbrio natural.** O consumismo japonês, do século XIX provocou o superficialismo e alterou o espírito nipônico.” (FAYAN, 2000, p. 6)

Em (20) vemos também o afastamento com o passado justificado aqui na ausência da necessidade que fundamenta sua origem (“ameaças que sofria”) e também na ineficiência atual da arte marcial devida ao “surgimento de armas de fogo” e tomada como de conhecimento comum e notório (“evidentemente”). Também é presente, associado a aspectos negativos da atualidade (“consumismo exagerado” e “degradação de valores importantes”), a associação de arte marcial com “terapias” qualificadas como “indicadas para recolocar o ser humano em sua posição de equilíbrio natural”, novamente em um processo de aproximação com características positivas (“espírito das Artes Marciais” e “caminho marcial”) do passado processual.

(21) “De acordo com Curitiba (2006), **“com o tempo a luta adquiriu um caráter desportivo tendo sido adaptadas as regras gerais que estipulam o desenvolvimento de competições”** (p.04). **Ou seja, algumas delas passaram pelo processo da esportivização** e hoje possuem suas confederações e federações e são disputas em inúmeras competições. **Atualmente, mesmo não sendo utilizadas para fins bélicos, as artes marciais** são praticadas por um número muito grande de pessoas por todo o mundo, inclusive no ocidente. **Muitos destes combates são extremamente explorados pela mídia em diversos lugares (ALVES JUNIOR, 2006, p. 01), através da exacerbação do sofrimento e da violência, como por exemplo, o Ultimate Fighting Championship.”** (AGUIAR, 2008, p. 19-20)

(22) **2.4 – PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DAS ARTES MARCIAIS**

Abrimos este tópico com a exposição das palavras de Da Liu (1986) para reforçarmos a idéia de que as Artes Marciais não se desvinculam de seus princípios filosóficos, sendo contraditória a sua essência, a separação de seus aspectos práticos dos intelectuais e espirituais:

“No Antigo Oriente, a prática das Artes Marciais mesmo, quando utilizada em confrontos entre povos, era baseada na filosofia, na moral e intensamente na religião e no desenvolvimento espiritual, só ocorrendo competições por motivos de festividade.”

Várias Artes Marciais, por terem sido utilizadas na solução de conflitos militares, deixaram um caráter agressivo e violento na prática de suas técnicas específicas. Isto não significa e, tampouco justifica, a crença a respeito da violência como fator inerente a elas. Pelo contrário. Apoiada em filosofias de caráter humanista (a serviço de uma filosofia de vida humanitária e benéfica para o indivíduo e para a sociedade), voltadas ao aperfeiçoamento do ser humano, pregam o comportamento pacífico, o respeito ao oponente, valorizando a honra e probidade de caráter. Como o texto acima citado elucida, mesmo em situações de extrema adversidade, seus princípios eram preservados. **Como um arqueiro Zen, que desfere sua flecha ao ar, visando a trajetória de sua flecha e não o alvo a ser atingido, as Artes Marciais visam o auto-aperfeiçoamento e a espiritualização, através da meditação e práticas corporais para a obtenção de níveis de consciência sempre mais elevados.**

Devido à evolução histórica da Humanidade, introduziram-se outros objetivos e aspectos às Artes Marciais. Com sua vinda para o Ocidente, a elas foi incorporado um forte aspecto competitivo, que fundiu-se à estrutura esportiva existente, propiciando a fundação e organização de diversas federações, com seus campeonatos e regras definidas. Desta forma, descaracterizou-se em muitos aspectos seus objetivos originais, distanciando-as de seus verdadeiros propósitos. [...] (ROCHA, 1998, p. 37)

No trecho (21), como havíamos citado antes quanto a (3), temos a utilização intercambiável de luta e arte marcial. Aqui o processo por que passa a arte marcial é denominado “processo de esportivização” e leva à sua associação a “caráter desportivo”. Porém, aqui é visível que associação com a guerra/violência/defesa não é tido como absolutamente afastada para o passado, mas presente e associada, não ao enunciador ou ao discurso das artes marciais, mas a exploração pela mídia, afastando a violência para depois da fronteira discursiva da arte marcial, para o outro discursivo.

Em (22) a associação com a violência, causada por ocasiões de utilização no passado (“por terem sido utilizadas na solução de conflitos militares”), é afastada para o passado (“por terem sido utilizadas”). O afastamento também é realizado tomando a violência como algo externo e injustificado, um outro discursivo rejeitado como crença (“a crença a respeito da violência como fator inerente a elas”), tendo como contraponto a aproximação a aspectos positivos em “apoiada em filosofias de caráter humanista(...)”, “voltadas ao aperfeiçoamento do ser humano” e “as Artes Marciais visam o auto-aperfeiçoamento e a espiritualização”. O afastamento também se realiza ao afastar a violência para o outro discursivo “técnicas específicas” (em “deixaram um caráter agressivo e violento na prática de suas técnicas específicas”), assim como em (2).

Por fim observamos, no último parágrafo, o processo de mudança da arte marcial associada como o passar do tempo (“evolução histórica”) e levando à sua associação no presente com “estrutura esportiva”, considerada negativa e responsável pela sua descaracterização na última frase. Aqui vemos um outro mecanismo de fronteira, que afasta ou busca afastar, ao mesmo tempo em que justifica, características negativas do presente na arte marcial como falha, causada pela vinda ao Ocidente e pela associação com “fundação e organização de diversas federações, com seus campeonatos e regras definidas”, e as põe em contraponto em relação às características positivas no passado (“descaracterizou-se em muitos aspectos seus objetivos originais, distanciando-as de seus verdadeiros propósitos”).

(15) “Apesar de toda bagagem histórico e cultural de diferentes povos espalhados pelo mundo, ocorre que **no ocidente as artes marciais estão perdendo os conceitos filosóficos de suas origens, por conta do forte processo de esportivização, já citado. A criação de inúmeras regras e o sistema de classificação por faixas e de graduações dentro de cada etapa torna visível o processo de ocidentalização dessas artes marciais e que hoje são também chamadas de luta.**” (AGUIAR, 2008, p. 20)

(23) “Como visto anteriormente, o jiu-jitsu mudou muito, se aproximando cada vez mais do esporte propriamente dito (apesar de originariamente ser um sistema de combate real), com um conjunto de regras e padrões próprios. Isto decorrente de um processo de massificação imposto por nossa sociedade, que acaba por afetar também as práticas que envolvem a cultura corporal. Porém, esse processo de massificação traz algumas conseqüências. Se por um lado o fenômeno de esportivização tende a aumentar o número de praticantes da modalidade, contribui também para que muitos estejam participando numa simples repetição de gestos técnicos, sem que aconteça uma reflexão crítica sobre a prática, que venha a contextualizá-la num plano maior, que a própria vida do praticante, e não apenas voltando-se exclusivamente para as competições, as quais tendem a exaltar os vencedores em detrimento dos que perderam. Além disso, **ocorre também uma descaracterização da arte marcial, trazendo-a a um âmbito esportivo no qual é esquecido o porque de praticá-la, o embasamento filosófico que há por trás da mesma, correndo o risco de se tornar apenas mais uma prática corporal sem correlação com a vida daquele que a pratica.**” (FAYAN, 2000, p 36)

Em (15) e (23), semelhantemente a (22), há uma busca de afastamento de características negativas do presente (“esportivização”, “ocidentalização” e “massificação”), afastando-as do interior arte marcial para fora e justificando-as ao tomá-las como falha através dos verbos “perder” e “descaracterizar-se”. A ação dessas características negativas é associada a perda/descaracterização do “embasamento filosófico” e da “essência”.

(24) “A arte marcial sofreu grandes transformações e evoluções desde sua criação. Antigamente possuía um caráter essencialmente bélico, relacionada à defesa e à guerra, atualmente tornou-se um produto comercial, sujeitando-se a outros padrões, formando um mercado específico. As academias ou outras instituições que trabalham com este produto, assim como qualquer outra empresa em qualquer outro ramo

do mercado, devem acompanhar a evolução do mercado e dos padrões culturais, não podem de forma alguma parar no tempo.” (LOURENÇO FILHO, 1997, p. 40)

O trecho em (24) apresenta um deslocamento exemplar dentre os TCCs estudados. Em (24) a arte marcial é associada a transformações e há um rompimento com o antigo ligado à guerra/defesa, embora não seja justificado. O processo de transformação leva à sua associação com produto comercial (“tornou-se um produto comercial”). Este trecho é exemplar por ser claramente observável o deslocamento do discurso da arte marcial ao ser associada com o discurso do mercado e do marketing, conforme é a proposta deste TCC, visível em seu título, “Estudos sobre os processos mercadológicos aplicados a academias de artes marciais” e por ser orientado pelo professor responsável pela disciplina de Marketing Esportivo da faculdade. Aqui o mecanismo de fronteiras afasta o passado e reforça a aproximação com as características positivas do presente (“não podem de forma alguma parar no tempo”)

(25) “A principal mensagem que esta monografia gostaria de deixar é que as **artes marciais podem e devem possuir um caráter científico**. Porém, este trabalho não tem a intenção de ser uma ‘receita para fabricação de campeões mundiais’. [...]”

Portanto, o propósito principal está em reforçar a necessidade de um caráter científico à esta Arte, sem deixar de lado sua filosofia e tradição (LIMA, L., ORTEGA, E. & LOURENÇO FILHO, A. 1996). Entretanto, apesar de ser abordado o tema preparação física, tem-se que também ressaltar o aspecto educacional e indissolúvel dentro das Artes Marciais, entendo-a como algo mais do que ‘simples movimentos mecanizados’.” (ORTEGA, 1997, p. 39)

Um caso pouco encontrado no material de análise é visível em (25). Aqui temos um mecanismo de aproximação com aspectos positivos do presente, onde, no primeiro parágrafo, é aproximado da arte marcial o “caráter científico” e isto se repete no segundo parágrafo, mas com a busca do autor de assegurar que este elemento positivo não cause um afastamento com os outras características positivas ligadas ao passado, a “filosofia” a “tradição”.

Como vimos nesta seção, o mecanismo de fronteiras na arte marcial é formulado de diversas formas, mas possui um funcionamento de afastar ou aproximar elementos do discurso das artes marciais. Particularmente, este funcionamento constitui em afastar sentidos negativos para o passado, afastar-se de sentidos negativos relacionados ao presente ou associá-los ao outro discursivo, externo à arte marcial, e de aproximar de sentidos positivos

do passado, do presente e do outro discursivo (ver fig. 4), embora não tenhamos encontrado exemplos da aproximação com o outro discursivo e apenas um, em (25), da aproximação com o presente.

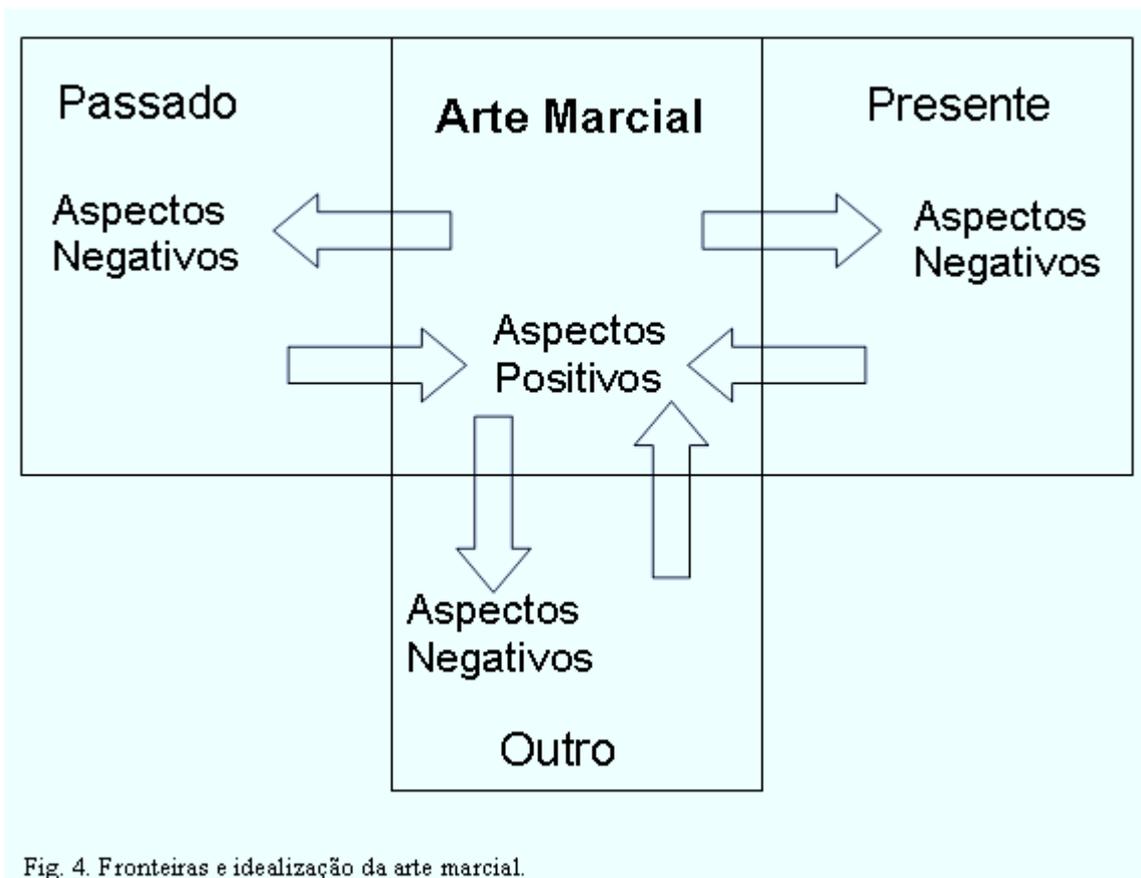


Fig. 4. Fronteiras e idealização da arte marcial.

Esta direção do discurso em afastar o negativo e aproximar o positivo pode ser entendida como uma busca pela idealização da arte marcial, a qual certamente tem a ver com a denegação, a necessidade de rejeitar a violência afirmando-a no negativo, mas também, talvez, com algum tipo de endeusamento da arte marcial ou da busca de uma arte marcial utópica, eliminando seus aspectos negativos e construindo aspectos positivos. Deste movimento de denegação e idealização podemos então inferir que as aproximações com os sentidos positivos do presente e do outro discursivo devem existir, embora pouco encontradas na análise, já que podem fazer parte do mecanismo de fronteiras neste movimento de denegação e idealização.

3.3. Mecanismos do Afastamento da Violência

O movimento de denegação e de idealização, através do estabelecimento de fronteiras da arte marcial, particularmente com relação à violência, é algo praticamente unânime nos TCCs analisados. Esta busca de afastamento/separação da violência utiliza diversos mecanismos como veremos agora.

Autoridade e experiência; Desqualificação; Falha; e Ineficiência

(13) “Como grupo humano, as artes marciais possuem ética e moral próprias, definidas de acordo com suas origens e modificadas pelo próprio homem, com o passar do tempo. **É objetivo deste trabalho destacar apenas um pouco destes princípios de algumas artes marciais, ressaltando que há um consenso de não violência nos códigos de ética das principais artes, embora valorize-se um certo grau de agressividade para com os obstáculos naturais da existência humana.**” (CARNEIRO, 1996, p. 7)

(26) “Como ex-praticante de algumas artes marciais e como futuro profissional de Educação Física, me interessei pelo tema desta monografia ao assistir pela televisão um campeonato de “vale tudo” e comparar com o que eu havia aprendido com mestres de karatê, judô, tai chi chuan e em palestras com professores de outras artes marciais. Na maioria das aulas por mim freqüentadas, havia uma séria de regras de comportamento onde se desenvolvia o respeito ao adversário, a igualdade de condições e a não violência, embora os movimentos apreendidos simulassem golpes que, se desferidos sem controle, causariam sérias lesões nos participantes. Estas lesões e a total liberdade na execução dos movimentos era o que ocorria nas lutas a que eu assisti neste campeonato: pessoas “representando” diferentes artes marciais que entravam num ringue e trocavam violentos golpes até um deles desistir, o que geralmente acontecia em poucos minutos ou segundos.” (CARNEIRO, 1996, p. 1)

Em (13) e (26), ambas partes do TCC de Carneiro, observamos o afastamento da violência baseada na autoridade advinda da experiência e do conhecimento. Em (13) esta advém da informação fornecida pela autora sobre os “códigos de ética das principais artes marciais”. Em (26) a autora ganha autoridade ao se colocar na posição de ex-praticante de artes marciais, futuro profissional de educação física e afirma, baseada na experiência de aprendizado com mestres, palestrantes e aulas que participou, a presença da não violência.

(14) “Para tanto é necessário lutarmos por um processo de desmistificação. Pois, as artes marciais enfrentam um grande preconceito quando rotuladas como uma atividade agressiva, imagem esta calcada por filmes e atos violentos executados por pessoas que de forma ignorante se consideram ‘artistas marciais’. Analisadas em seu contexto histórico, em sua origem milenar, sabe-se que as artes marciais possuem uma filosofia e essência que vão muito além da luta, com uma grande relação com natureza, que com respeito e inspirado em suas formas executa movimentos que conduzem o praticante a busca de um

equilíbrio e harmonia interior. **Portanto, ao contrário do que muitas pessoas erroneamente pensam, a verdadeira Arte Marcial não está associada a violência.**” (ORTEGA, 1997, p. 39)

(27) “O aumento decorrente de novos praticantes de jiu-jitsu traz à tona um outro problema, talvez mais sério que o anterior, já que às relações criadas e discutidas são inerentes a qualquer modalidade, e não são específicas da arte suave. **O problema se refere à má formação dos professores de jiu-jitsu, fato comum atualmente, já que as academias estão proliferando, e cada vez mais profissionais sem o perfil adequado de educar estão dando aula. Isso acarreta uma série de problemas, pois se um professor não orientar seu aluno adequadamente, atentando para os reais valores e preceitos das artes marciais, muito provavelmente ele irá (como acontece atualmente, haja vista as gangues de jiu-jitsu) visar apenas a violência física,** se impondo através de brigas, numa visão errônea que infelizmente alguns professores insistem em transmitir, de que “lutador de jiu-jitsu é casca-grossa”, e que os meios de comunicação tendem a salientar. Isso influencia negativamente e contribui para que as pessoas leigas façam uma idéia confusa do que é o verdadeiro jiu-jitsu, confundindo-o com o vale tudo, com briga de rua.” (FAYAN, 2000, p. 37)

Observando (14), o vínculo da arte marcial com a violência/agressividade é desqualificado com o termos “grande preconceito” e ao ser objeto de “processo de desmistificação”. Os construtores desse vínculo desqualificado são pessoas que “executam atos violentos” e “produzem filmes”, os quais assumem o título de “artistas marciais” de forma dita ignorante pelo autor, desqualificando-os também desse título. Continuando, o autor coloca a luta, a qual como vimos se relaciona a defesa, conflito, guerra e por conseqüência violência, como uma característica muito inferior as características “filosofia” e “essência”, estas duas sendo um conhecimento comum (“sabe-se”). Por fim, resumindo seus argumentos, destaca o termo arte marcial com sublinhado e negrito¹², reforçando sua autoridade sobre a “verdadeira Arte Marcial”, em contraste com a falsa, sustentada por pessoas erradas (“ao contrário do que muitas pessoas erroneamente pensam”), e a desvincula novamente da violência.

Em (27), a violência das artes marciais está deslocada dela como um erro/“problema”, algo externo a ela, causado pela “má formação de professores” e “profissionais sem o perfil adequado de educar” ao não atentarem “para os reais valores e preceitos das artes marciais”.

(28) “A Educação Física consiste de um vasto universo, muito rico em possibilidades no que se refere à construção de um repertório motor em conjunto com a consciência corporal dos alunos. Percebe-se nitidamente que os conteúdos a serem tratados devem ser cuidadosamente escolhidos, e mais ainda, abordados adequadamente afim de que proporcionem a maior contribuição possível ao repertório cognitivo motor do aluno.

¹² Este trecho inteiro de Ortega estava com fonte normal, apenas a última palavra arte marcial estava sublinhada e negritada.

Dentre esse conteúdos citados se encontram as artes marciais, que se encontram em grande evidência, haja vista o número cada vez maior de academias proliferando em nosso país. **Infelizmente, paralelamente se observa um fenômeno inverso, que é a escassa informação disponível a respeito de sua prática, sendo que a mesma muitas vezes chega ao leitor de forma distorcida, descontextualizada de sua idéia central filosófica, que é a essência da arte. A grande maioria pensa em artes marciais como fabulosas técnicas de lutas, que possibilita às pessoas derrotarem em segundos gigantes de músculos apenas com golpes traumáticos, em regiões mortais. É grande o número de pessoas que procuram as academias com o objetivo de se tornarem “boas de briga”, acreditando que com o aprendizado das técnicas marciais, poderão machucar seus inimigos, graças a golpes ensinados pelos professores especializados.**

A experiência tem mostrado que a maioria dos recém chegados às academias possuem medo de seus semelhantes, e acreditam que se forem capazes de derrotar os outros fisicamente, estes temores desaparecerão. Daí a noção do “faixa preta” ser um cidadão perigoso com quem devemos ter cuidado, pois qualquer mal entendido poderá nos causar fraturas desagradáveis.

É claro que o conceito de arte marcial é muito mais amplo, como poderá ser visto no próximo capítulo; a maioria tem em seus princípios a paz e não a luta, tendo como objetivo primordial a formação de uma personalidade sadia, do indivíduo útil à sociedade e a si mesmo. **Evidentemente as artes marciais são um excelente método de defesa pessoal, fisicamente falando, porém muito mais importante que a segurança física é a segurança psicológica e outras que deverão construir um desenvolvimento motor adequado.**

Se as práticas marciais fossem somente uma defesa física, não teriam razão de ser, pois o maior dos faixas pretas se torna frágil diante de um revolver carregado e, ironizando, melhor seria treinar “tiro ao alvo” do que perder litros de suor e anos de sacrifícios pelos tatames existentes, hoje, em todo o mundo.” (FAYAN, 2000, p. 1-2)

Observando (28), do mesmo autor de (27), vemos vários mecanismos que afastam a arte marcial da violência. No segundo parágrafo temos a associação da violência (“briga”, “luta”, “machucar”, “golpes traumáticos em regiões mortais”) com a falha, semelhantemente a (27), em “escassa informação disponível” e “chega ao leitor de forma distorcida, descontextualizada”.

No terceiro parágrafo, temos o afastamento da “defesa pessoal”, um termo positivo relacionado à violência, por sua importância secundária, muito distante das outras qualidades positivas que as artes marciais podem oferecer. No quarto parágrafo o rompimento se baseia na ineficiência atual da arte marcial diante das armas de fogo.

Separação e Deslocamento de Luta

(29) “FABIO: [...] Este trecho é bastante importante na nossa discussão. **Ele pressupõe outro aspecto importante na definição de arte marcial: a questão do “modo de vida”. Isso nos faz pensar que o combate corporal, se houver, num contexto de arte marcial, não terá um fim nele mesmo, mas será um meio para atingir certo desenvolvimento pessoal, de acordo com o contexto cultural no qual se originou. A luta, seja como jogo ou esporte (luta leonesa e boxe, por exemplo) têm fim em si mesmas.**” (PUCINELLI, 2004, p. 31)

(12) “Para complementar minha discussão, apresento um possível conceito de Villamón e Espartero (1999) para Artes Marciais:

“(…) conjunto de práticas e artes de combate desenvolvido nos distintos países asiáticos não só por integrantes do estabelecimento militar e guerreiro, mas também por diferentes membros de outras classes sociais, subjazendo nessas práticas um nexco comum e peculiar, que é a existência de um fim ou propósito que tende a um motivo mais espiritual que puramente prático (p. 68).”

“Arte marcial, então, caracteriza-se por uma prática baseada em sistemas de defesa específicos e tem (ou tinha) como objetivo “moldar” a pessoa a um determinado modo de vida, o que é comumente chamado de “desenvolvimeto pessoal”. Luta envolve disputa, o que não é, necessariamente, característica das práticas marciais, o que não significa que o elemento luta não possa estar presente. Em geral, a diferença conceitual básica entre Luta e Arte Marcial é que, na primeira, a disputa é o fim, treina-se para lutar; na segunda, a luta, se houver, é meio para atingir outros objetivos.” (PUCINELI, 2004, p. 44)

Observamos no diálogo proposto por Pucineli em (29) uma separação e um deslocamento entre arte marcial e luta, onde esta última estaria associada, como vimos, à termos como defesa, conflito, guerra, violência. Na fala de Fábio, o combate corporal, utilizado como sinônimo de luta, é separado como uma possibilidade dentro da arte marcial (“se houver”) e colocada como externa, como algo pertencente ao contexto e não à arte marcial. Continuando, a luta quando associada a arte marcial é deslocada para um instrumento visando aspectos positivos em “meio para atingir certo desenvolvimento pessoal” e somente quando fora dela tem fim em si mesmo.

Em (12), concluindo, a partir da cotação de Villamón e Espartero, a separação se dá na associação de arte marcial com “objetivo”, que se relaciona novamente a aspectos positivos (“desenvolvimento pessoal”) enquanto “luta” se associa a “disputa” e é tomado como uma característica não obrigatória de arte marcial. No fim do trecho, em paráfrase com (29) a luta tem fim em si mesma (“treina-se para lutar”) e na arte marcial sua presença é uma possibilidade (“se houver”) e é deslocada para um meio.

(30) “Como ressaltamos, as lutas não se resumem a modalidades de combate, especialmente quando nos referimos as Artes Marciais. O contrário ocorre com os Esportes de Combate (como o boxe, a luta olímpica e o *full contact*) lutas que, como sugere o próprio nome, enfatizam o combate.

Existe então uma DIFERENÇA ENTRE BRIGA, LUTA, ESPORTE DE COMBATE E ARTE MARCIAL. Briga envolve violência, a luta, uma série de atividades (conforme observamos no início deste capítulo) entre elas os Esportes de Combate e as Artes Marciais.” (ORTEGA, 1998, p. 20-21)

(31) **“Mais do que agredir ou ferir, a luta dentro da Arte Marcial, compõe um caminho para se atingir uma harmonia... em todos os sentidos.** Como relata PAYNE (1997) “Arte marcial faz parte de uma aprendizagem cujo objetivo consiste em transformar radicalmente a própria existência do praticante. Embora com muita frequência se ignorem, subvalorizem-se ou se menosprezem por inteiro estas raízes, a dimensão espiritual constitui a essência das artes marciais”.

Desta forma o praticante de Artes Marciais aprende a lutar, mas como afirmam algumas escolas, “aprender a lutar para não lutar” e além disto são somados os ensinamentos sobre Filosofia, tradição, humildade e respeito. Ou seja, ao invés do praticante sair por aí desferindo golpes e agredindo as pessoas, ele utiliza este conhecimento como uma maneira de alcançar um equilíbrio e harmonia interior. E esta é a essência das Artes Marciais, que se encontra ao integrarmos as lutas a um conceito de ARTE, o que significa reconhecer nestas manifestações um contexto histórico e filosófico, que em muitos casos, possui uma origem milenar e uma grande relação com a natureza.

Esta compreensão da luta como um caminho para a harmonia é um ponto comum em muitas artes marciais. [...] (ORTEGA, 1998, p. 22)

(32) “O jiu-jitsu atual é muito diferente do jiu-jitsu de outrora. Como visto anteriormente, era mais que uma forma de defesa, seu aspecto filosófico era muito considerado, a ponto de ser transmitido por gerações a fio como algo sagrado.

Porém, nossa sociedade ocidental e capitalista, é baseada na necessidade do consumo, promovendo um processo de massificação o qual atinge nosso cotidiano de forma direta, e as artes marciais não fogem desse contexto. **Nesse processo, há uma certa descaracterização do que consiste as artes marciais em sua essência, que se trata justamente deste embasamento filosófico, voltado para a prática do “lutar para não lutar”, para a consciência interior e paz entre os semelhantes.** O que se percebe com isso é que o jiu-jitsu tem sido levado para o que se pode chamar de esportivização do mesmo, que nada mais é que determinar regras e padrões para transformá-lo num espetáculo esportivo que seja atrativo ao público, à mídia e aos patrocinadores.” (FAYAN, 2000, p. 32)

Observamos em (30) uma separação diferente. “Violência” é aqui excluída de “arte marcial” e de “luta” e deslocada para “briga”. Já arte marcial é colocada como parte do conjunto maior “luta”, juntamente com “esporte de combate” Em (31), do mesmo autor, há um deslocamento da luta dentro e fora da arte marcial, com uma ênfase na separação da luta com a violência (“mais do que agredir ou ferir”), onde ela passa a ser meio para algo positivo, que é aqui “atingir uma harmonia” e não “desenvolvimento pessoal”.

No segundo parágrafo, é repetido a separação da violência e o deslocamento de “luta” para meio, aparecendo aqui duas nova associações: “aprender a lutar para não lutar” e a adição de aspectos positivos (os ensinamentos sobre Filosofia, tradição, humildade e respeito”) visando reforçar a separação com a violência. Por fim, no terceiro parágrafo, para reforçar seus argumentos, apóia-os na generalidade deste entendimento da luta (“é um ponto comum em muitas artes marciais”).

Em (32), não há separação entre luta e arte marcial, mas há ainda o deslocamento da luta como meio em “prática do “lutar para não lutar”” e meio associado a aspectos positivos

em “para a consciência interior e paz entre os semelhantes”. Porém há em (32) a referência a associação da arte marcial com a violência, porém deslocada para a falha (“descaracterização”) que tem como causa “necessidade de consumo” e “processo de massificação”.

(33) **“CAP II – AS ARTES MARCIAIS E O KARATE – DÔ**

O momento é chegado para dedicarmos nossos esforços à compreensão deste conceito – Arte Marcial. **Ao primeiro olhar, parece-nos algo de fácil delimitação e simples entendimento, pois a idéia de relacionar o conceito de Arte Marcial ao de Luta, leva-nos a um lugar comum, onde estariam contidas as interações de ações de forças opostas – uma buscando atingir a supremacia sobre a outra; situação de combate; briga; oposição de conceitos e idéias. Porém, em um enfoque mais cuidadoso, esta relação demonstra-se insuficiente para envolver todos os aspectos inerentes às Artes Marciais. Há diferenças ente *Luta* e *Arte Marcial*. Diríamos que as Artes Marciais são formas bem específicas e originais de luta. Elas carregam consigo valores morais e éticos, regras de conduta, objetivos particulares, enfim, uma filosofia própria. O termo *Luta*, estaria em um nível mais abrangente e menos específico. Encontramos diversas definições sobre o que vem a ser uma luta. A seguir tratamos deste assunto.”** (ROCHA, 1998, p. 26)

Observamos em (33) a associação de Arte Marcial e de Luta sendo desqualificada apoiada na autoridade proveniente da diligência (“em um enfoque mais cuidadoso”). Sob essa autoridade é afirmada a separação (“diferenças”) entre luta e arte marcial. As artes marciais não são separadas de lutas, mas deslocadas como parte do conjunto “luta” em “as Artes Marciais são formas bem específicas e originais de luta” e associada a aspectos positivos (“valores morais e éticos, regras de conduta, objetivos particulares” e “filosofia própria”).

(34) “Como forma auxiliar de análise dos *Ultima Fighting Championship* (UFC), eu procurei comparar aspectos inerentes a esse tipo de competição a aspectos comuns a outros campeonatos tradicionais de artes marciais mais conhecidas, realizados dentro dos padrões de moral, ética e competitividade que se aproximam dos ideais explicitados na filosofia das diversas artes marciais e nos ideais desportivos atuais.

Deste modo, é possível perceber, ao assistir às lutas dos *Ultimate Fighting Championship*, que há uma predominância de atos violentos, no sentido de excesso de agressividade, ou ainda com intencionalidade de ferir o adversário, o que pode ser também constatado pela curta duração da maioria das lutas (anexo I), bem como pelo resultado e pelas lesões decorrentes dos combates (algumas descritas também no anexo I); enquanto que em outras competições de artes marciais, nota-se uma agressividade no sentido descrito por Lowen, ou seja, ir de encontro a algo, ou executar com perfeição os movimentos específicos de cada arte.” (CARNEIRO, 1996, p. 8)

(35) “Após analisar conceitos de artes marciais, agressividade, violência e competição esportiva, na perspectiva de um graduando em Educação Física, pude verificar que os campeonatos de “vale tudo”, no caso específico desta pesquisa os “*Ultima Fighting Championship*”, não representam, como evento esportivo, as principais artes marciais, principalmente devido à violência intrínseca nestas competições, que não só fere os participantes, como os princípios éticos, morais e de comportamento exaltados na filosofia oriental, e mesmo as leis e regras de condutas esportivas e civis.

Talvez se encaradas como práticas de ataque/defesa, e como técnicas de submissão, as artes marciais poderiam ser bem representadas por um evento como este, pois existem poucas restrições (tempo, peso, tipo de golpes...), pouca interferência do juiz, e total realismo na execução dos golpes, só terminando com a desistência ou impossibilidade de lutar por parte de um dos participantes.

Mas, como futuro profissional de Educação Física, e devido à minha formação humanística, que visa o desenvolvimento da motricidade humana, defendo a idéia de que, diferentemente do que a mídia e alguns praticantes de esportes de luta afirmam, este tipo de evento é ilegítimo de representar as principais artes marciais, embora saiba que a realidade do esporte é independente dos ideais da Educação Física, sendo apenas um instrumento dela.” (CARNEIRO, 1996, p. 8)

Em (34) as lutas das competições do *Ultimate Fighting Championship* são associadas a violência e agressividade e são postas em contraste com “outras competições de artes marciais”, onde a agressividade existe, mas está deslocada para algo positivo, apoiada na autoridade de Lowen em “ir de encontro a algo, ou executar com perfeição os movimentos específicos de cada arte.”

Apoiada na legitimidade do analista (“após analisar”) e na autoridade de “graduando de Educação Física”, em (35), observamos uma separação diferente. Aqui os “campeonatos de “vale tudo”” são separados (“não representam”) de “principais artes marciais”, apoiada na presença de violência naqueles campeonatos e na ausência desta nas artes marciais. Esta separação se legitima como consequência de uma lógica formal do tipo “se “arte marcial” não contém “violência” e “campeonatos de vale tudo” contém “violência” então “campeonatos de violência” não estão inclusos em “arte marcial””.

Já no segundo parágrafo, seguindo a mesma lógica formal, há a aceitação relativizada (“talvez”) dos campeonatos de vale tudo apoiados na adição das características “prática de ataque/defesa” e “técnicas de submissão”. Mas esta adição é negada no último parágrafo pelo autor com a justificativa de “formação humanística” embora seja reconhecida (o que quase não ocorre no corpus, como veremos adiante), a variedade de discursos que se opõe, os quais têm como autores “mídia e alguns praticantes de esportes de luta”.

Apoio na Etimologia

(5) “As modalidades de artes marciais, de um modo geral, tiveram uma origem um tanto quanto comum, muitas vezes heróica, desenvolvida para a proteção dos domínios territoriais de um país por exemplo, para a formação de um exército de proteção individual, a reis e imperadores, ou até mesmo como forma de defesa pessoal, contra malfeitores ou sistemas de opressão.

No entanto, não pode-se deixar de lado o aspecto “*arte*” da palavra, que vem por significar um comprometimento com o desenvolvimento geral do praticante, tanto em seu aspecto marcial como no aprimoramento de suas qualidades e capacidades físicas, mentais e sociais, entre outras.” (LOURENÇO FILHO, 1997, p. 16)

(36) “Ou seja, mostrar que existe no mundo das lutas uma outra concepção, que não se restringe a um conjunto de técnicas e táticas de atacar e defender, é mais do que isto, compõe um lado artístico, essencial², que pode trazer muitos benefícios à humanidade quando bem orientado.

Esta essência encontramos mais presente dentro das Artes Marciais, pois ao integrarmos as lutas a um conceito de ARTE, significa encontrar nestas manifestações um contexto histórico e filosófico, que, em muitos casos, possui uma origem milenar e uma grande relação com a natureza.

Desta forma o praticante de Artes Marciais aprende a lutar, mas como definem algumas escolas, “aprender a lutar para não lutar” e além disto são somados os ensinamentos sobre filosofia, tradição, humildade e respeito. Ou seja, ao invés do praticante sair por aí desferindo golpes e agredindo as pessoas, ele utiliza este conhecimento como uma maneira de alcançar um equilíbrio e harmonia interior. E está é a essência das Artes Marciais. Maiores considerações sobre as diferenças entre lutas e artes marciais estarão sendo tomadas no capítulo II, página 21.” (ORTEGA, 1998, p. 3)

(37) “Porém, ao escrevermos sobre o conteúdo Lutas, o que realmente estamos querendo abordar? O que é Luta? Como define-se uma Arte Marcial? São essas respostas que pretendemos abranger no próximo capítulo. Expor seus princípios fundamentais e objetivos, evidenciando suas contribuições e benefícios à prática pedagógica da Educação Física. É preciso delimitarmos que tipo de Arte Marcial estamos defendendo, pois ela não se define como qualquer luta; não se trata das lutas de rua, nem tampouco daquelas assistidas por milhares de expectadores nos badalados campeonatos de “Vale-Tudo”, “Ultimate Fighters”, extremamente violentos. Também não são aquelas praticadas em academias de ginástica espalhadas pelas cidades, onde o professor, geralmente, desconhece os princípios filosóficos e históricos da prática que transmite a seus alunos, porque provavelmente, apenas repete os métodos de ensino pelo qual ele próprio aprendeu a arte. Dessa forma, o que ele ensina e pratica **não é arte**, e sim, **um conjunto de movimentos padronizados** com nomes japoneses ou chineses, que nada significam para os alunos, a não ser, a idéia equivocada de estarem tornando-se mais fortes e sábios, pelo simples conhecimento de técnicas de combate, desvinculadas de seus sentidos ideológicos.[...]” (SOARES, 1998, p. 23-24)

Observamos em (5) no primeiro parágrafo a associação de “artes marciais” com defesa/proteção/guerra e assim com a violência. No segundo parágrafo essa associação é relativizada na relação necessária (“não se pode deixar de lado”) com a “*arte da palavra*”, tratada em seguida como “desenvolvimento geral do praticante”, esta associada a aspectos positivos.

Em (36) a associação das lutas com “técnicas de atacar e defender” é relativizada e colocada em segundo plano ao ser associada com “um lado artístico essencial”, este relacionado a aspectos positivos em “pode trazer muitos benefícios à humanidade”. No segundo parágrafo o mesmo processo é aplicado a “Artes Marciais” e a associação com “ARTE” é tratada como relação com “um contexto histórico e filosófico”, novamente associando a arte marcial com aspectos positivos.

O texto em (37) não possui nenhum destaque feito por nós, para permanecerem os efeitos advindos do negrito colocado por Soares. A arte marcial que o autor diz defender é afastada da violência (“não se trata das lutas de rua, nem tampouco daquelas assistidas por milhares de expectadores nos badalados campeonatos de “Vale-Tudo”, “Ultimate Fighters”, extremamente violentos”) e também daquelas que possuem falha, (aqui devido ao desconhecimento em “o professor, geralmente, desconhece”) nos “princípios filosóficos e históricos”. Estas com as quais o autor rompe são tratados como não-arte (“dessa forma, o que ele ensina e prática não é arte”) e são associados a aspectos negativos.

Vemos nestes três trechos um procedimento para estabilizar a interpretação através da etimologia como padrão para a aceitação e definição de um discurso. Isso se faz ao retomar a forma “arte” de “arte marcial” e utilizá-la como apoio e justificativa para a associação necessária com aspectos positivos e relativização/afastamento com aspectos negativos.

(38) “Podemos compreender a cultura corporal como o conjunto das práticas corporais que têm significados num determinado grupo social e que tem a expressão corporal como uma das formas de linguagem. A dança, o jogo, o esporte, a ginástica e a luta, como práticas corporais, se expressam diretamente pelo corpo e no corpo. (Pucineli, 2004)

O Kung fu é também uma prática corporal e, por tanto, está no universo da educação física. Porém, o kung fu, não pode ser entendido apenas como um tipo de luta, pois ele engloba conhecimentos, valores e princípios que transcendem a prática combativa. Sendo assim, o kung fu pode e deve ser compreendido como uma arte marcial. Mas, o que é arte marcial?

Pucineli (2004), ressalta que arte marcial é um conceito ocidental dado a um fenômeno de origem no oriente e para tentar compreender o significado da expressão pelos orientais ele o busca na palavra japonesa budô. O ideograma bu é composto por “segurar”, “aparar”, “neutralizar” e “machado”, “arma”, neste caso, simbolizando, violência e agressividade. Dô corresponde a “caminho”, “processo”. Portanto, budô significa “processo para neutralizar a agressão”.

Na China, utiliza-se a palavra Wushu para designar a soma dos diversos conhecimentos relativos a artes marciais. Os ideogramas que compõem a expressão Wushu estão representados logo abaixo¹³.

O ideograma “Wu” é composto por dois ideogramas: um que simboliza “parar”, “deter” e outro que simboliza um machado, que é aquele que corta, agride, deixa marcas suficientes para destruir, derrubar.

Unindo as duas idéias temos que “wu” significa, em sua raiz, “parar a violência”. (Lima, 2000) Sendo Wushu, a “arte de parar a violência”.

Pensando na expressão arte marcial, podemos sugerir algumas significações baseadas na etimologia da palavra marcial. “Marcial” é derivado de Marte, o deus da guerra na mitologia romana. A guerra citada compreende todos os tipos de conflitos, inclusive os conflitos interiores, aqueles que a pessoa trava consigo mesma. Lima (2000, p. 14), nos ajuda a compreender o significado de arte marcial:

¹³ Não foi possível reproduzir aqui os ideogramas aos quais a autora se refere nesta citação.

“Para um artista marcial (Marte: deus da guerra), o grande desafio está em vencer a “guerra interior” – aquela que é travada entre a pessoa e seus próprios desequilíbrios e desarmonias, que a levam a uma violência interna (manifestada em forma de doenças psicossomáticas e de vícios) e que acabam por levá-la a projetar esta violência contra outras pessoas ou objetos (variando da apatia aos mais elevados níveis de criminalidade).”

Os significados encontrados deixam claro a relação das artes marciais com a violência. Ao contrário do imaginário popular que as liga a agressividade e ao incentivo a violência, o objetivo das artes marciais é cessar a violência de uma pessoa contra a outra ou contra ela mesma. (Lima 2000).” (ROCHA, 2005, p. 12-13)

(39) “Diálogo 3: Paralelos Oriente x Ocidente

“HENRIQUE: Em japonês, a palavra que mais se aproxima ao conceito de “arte marcial” é budô, na qual, o ideograma bu é composto por “segurar”, “aparar”, “neutralizar” e “machado”, “arma”, neste caso, simbolizando, violência e agressividade. Dô corresponde a “caminho”, “processo”: “processo para neutralizar a agressão”, o que parece adequado ao conceito de Severino, quando faz referência a Marte.”

FABIO: Então, considerando que “marcial” é derivado de Marte, deus da guerra, que pode ser entendida como “conflitos interiores”, a arte marcial seria o processo de domar a si próprio, basicamente.” (PUCINELI, 2004, p. 25)

(7) “Partindo do estudo do significado da palavra “arte marcial”, pode-se encontrar entretanto um pouco mais sobre suas diversidades, até mesmo suas origens: “Marte” era o deus grego da guerra, portanto arte marcial compreende a “arte de guerrear”, a “habilidade em lutar”, conforme a tabela abaixo:

Arte	Marcial
Capacidade que o homem tem de, dominando a matéria, por em prática uma idéia. Maneira, modo. Habilidade. Profissão.	Relativo ou próprio da guerra, bélico.
Conjunto de preceitos para a perfeita execução de qualquer coisa; artifício, ofício, profissão, astúcia, habilidade.	Que diz respeito à guerra

FONTE: Minidicionário Aurélio / Minidicionário Silveira Bueno” (LOURENÇO FILHO, 1997, p. 15)

Observando (38), vemos Rocha se apoiando no trabalho de Pucineli e utilizando-se da autoridade da etimologia das palavras japonesa e chinesa correspondente a arte marcial¹⁴ para significar arte marcial. Na etimologia da palavra japonesa *budo* associa arte marcial a “processo para neutralizar a agressão” e na chinesa *wushu* associa a “arte de parar a violência”. Em seguida, utiliza da etimologia de “arte marcial”, relacionada à guerra, e a

¹⁴ Vimos neste trabalho que a existência de sentidos literais é uma ilusão, e, falando agora da posição de acadêmico e não da de analista, é uma ilusão pensar que existe correspondência entre palavras de línguas estrangeiras, a ilusão da tradução literal, o que não significa que isto não produza efeitos nos discursos.

desloca para um termo positivo, “guerra interior”¹⁵, apoiado em Lima, deslocando os sentidos negativos para positivos e afastando a história da violência/guerra que Marte traz à memória.

Apoiado nestas três etimologias, a autora justifica a relação da arte marcial com a violência e a associa a aspectos positivos como “parar a violência. Isto ocorre também no último parágrafo: “cessar a violência de uma pessoa contra a outra ou contra ela mesma”. Por fim, a associação de arte marcial com violência/agressividade é desqualificada pela autora como falha/engano em “imaginário” e como uma concepção inferior ou pouco válida em “popular”.

O texto a que Rocha se refere em (38) é o diálogo cotado acima em (39). Nele vemos um processo parecido, porém não há a utilização da etimologia da palavra chinesa *wushu*, sendo este um deslocamento próprio de (38). Em (7) o processo se repete, mas aqui somente com o apoio da etimologia de “arte marcial”.

(40) “Neutralizar o mais rápido possível os ataques (...)”. Isso me fez refletir sobre uma determinada questão: artes marciais são, em primeira instância, sistemas de defesa, muito parecido com o ideograma japonês que mais se aproxima do termo ocidental: *Budô*. No qual *bu* é composto por “aparar”, “neutralizar” e “machado”, neste caso, simbolizando “violência”, “agressividade”. *Dô* significa “caminho”, “processo”: *processo para neutralizar a agressividade* (LIMA, 2000). Inclusive associei com a referência a Marte, deus da guerra, de onde deriva “marcial”, que Severino (1995) apresenta (vide p.26).

Arte marcial seria, então, um processo de domínio dos conflitos interiores: uma contínua busca por autocontrole, através de práticas combativas.”

[...]

[...]Pois bem, fiquei com uma dúvida: e quanto às práticas marciais que possuem o caractere *jutsu* (referente à “técnica”), ao invés de *dô* (que também faz menção a “arte”), que foram desenvolvidas para defesa de comunidades, como o Karatê, por exemplo, ou o próprio Jujutsu? Seriam elas também artes marciais?”

[...]

“O *bujutsu* clássico corresponderia aos sistemas de defesa desenvolvidos e praticados durante um período de conflitos no Japão (segundo ele, antes do período Tokugawa – 1603-1868). As técnicas eram praticadas para neutralizar o ataque dos adversários, nem que para isso fosse preciso matá-los. Era praticado somente pelos denominados *bushi* (guerreiros). As variantes modernas corresponderiam às técnicas desenvolvidas pela polícia japonesa, por exemplo, para conter agressões.

O *Budô* é reflexo de um “processo civilizador pelo qual passava o Japão durante o regime Tokugawa (1603 - 1868) no qual houve um intenso período de paz no Japão devido ao autoritarismo do Imperador, e inicia-se o intercâmbio comercial com o Ocidente. Daí a necessidade ainda maior de um processo civilizador, que exigia das práticas guerreiras, caráter mais simbólico. Há, então, a substituição

¹⁵ Novamente da posição de acadêmico, essa associação de Marte com guerra interior não me parece aceitável por não ter referências confiáveis, parece antes um deslocamento “forçado” para tornar coerente a etimologia da arte marcial com uma formação ideológica que rompe com a violência. Seriam desejáveis referências de um especialista em história da Grécia antiga neste caso.

(se é que posso chamar assim) do termo *jutsu*, para *dô*, que remete a um estilo de vida baseado em “significativo efeito de controle social “ (VILLAMÓN & ESPARTERO, 1999, p. 82).

Foi nessa busca, de forma bastante resumida e simples, que: *as considerações práticas do combate estão subordinadas ao propósito de fim espiritual* (p. 83). Ou seja, o *budô clássico*, é caracterizado pela utilização das formas de combate como “meio” para melhor seguir o caminho do aprimoramento pessoal. Entendo, então, de maneira geral, que as formas *jutsu* são formas de neutralizar ataques externos, o que prefiro chamar de “técnicas marciais” e as *dô*, conflitos internos/pessoais, através das técnicas combativas, o que supenho serem as “artes marciais”.

O *budô moderno* é a significação do mesmo em contextos mais contemporâneos: prática como exercício físico; autodefesa; lazer etc.” (PUCINELI, 2004, p. 41-44)

O texto (40) é muito interessante e um dos principais responsáveis pela busca do corpo teórico que levou a este trabalho. Utiliza da autoridade da etimologia de “*budo*” e “arte marcial” da mesma forma que (38) e (39). Há aqui um acréscimo que é a etimologia do sufixo “*do*” de “*budo*”, que o autor associa a “arte” e a elementos positivos, em contraponto ao sufixo “*jutsu*” de “*bujutsu*”, que o associa a “técnica” e a defesa/guerra/violência. Esta diferença é utilizada pelo autor para afastar a arte marcial da violência, esta pertencendo ao *bujutsu*.

Além de separar a violência de *budo* e a associar a *bujutsu*, o autor utiliza dos adjetivos “clássico” (*bujutsu* clássico) para separar a arte marcial associada à violência (“sistemas de defesa”) na antiguidade daquelas que romperam com o passado, que possuem, o adjetivo “moderno” (*bujutsu* moderno em “as variantes modernas” no quarto parágrafo).

A arte marcial rompida com a violência, *budo*, é tratada como ela mesma sendo um afastamento da violência do *bujutsu*, afastada da violência no quinto parágrafo com a justificativa de mudança em “reflexo de um “processo civilizador”” que faz a passagem onde “práticas guerreiras” assumem a característica “mais simbólico”.

O *budo* que resultada do afastamento do *bujutsu* é então associado a termos positivos como “meio”, “fim espiritual” e “aprimoramento pessoal”. Este *budo* é então adjetivado como *budo* clássico em contraponto a um *budo* associado a “contextos mais contemporâneos”, que pode indicar tanto afastamento de elementos antigos como adição de elementos novos e são exemplificados como “prática como exercício físico; autodefesa; lazer etc.”.

Nestas analogias com os termos *budo* e *bujutsu*, o autor associa a arte marcial ao *budo* e faz separações entre diversos discursos sobre a arte marcial, como ilustrado na fig. 3. Temos assim uma verdadeira administração dos sentidos nos discursos de arte marcial, buscando estabilizá-los.

Elementos Presentes em Discursos de Artes Marciais

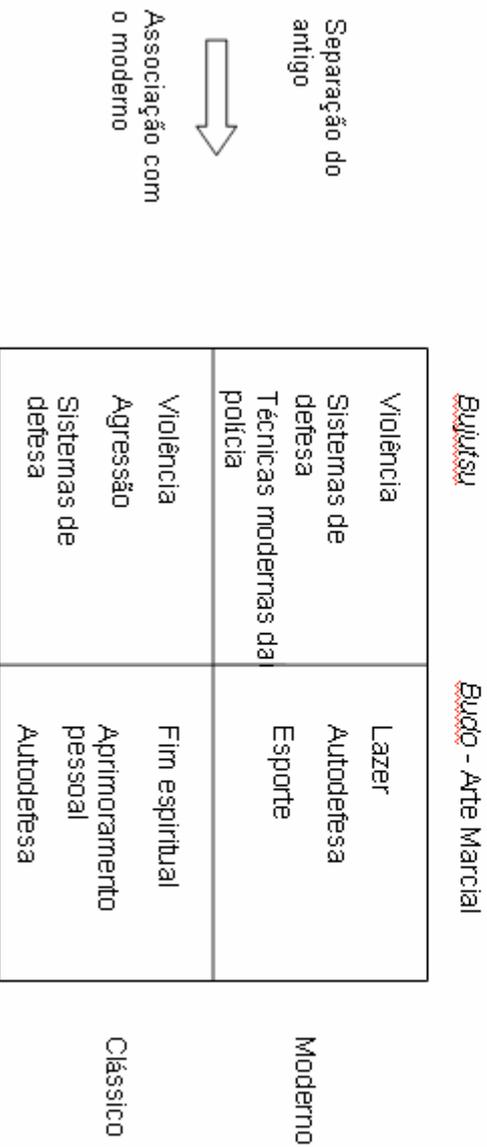
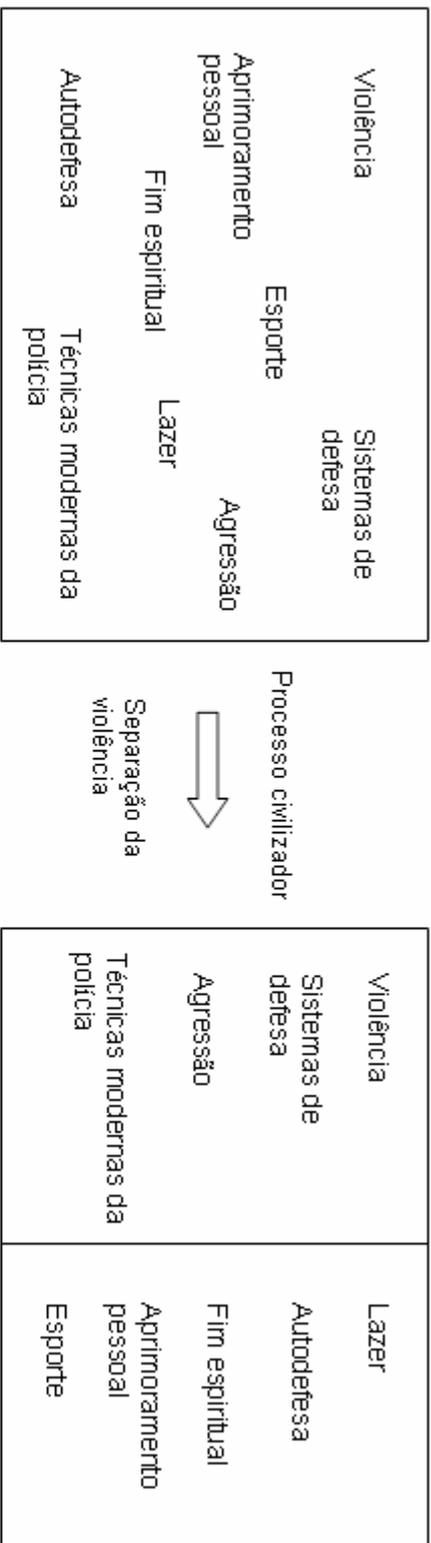


Fig. 5. Deslocamentos do discurso sobre a arte marcial em Pucinelli.

Para terminar a análise, cabe constatar que observamos, nos mecanismos e funcionamentos do discurso em nossa análise, um outro ponto. Como um pano de fundo atravessando ambos, podemos verificar a presença de um modo autoritário de discurso.

Orlandi (2005, p. 85-87) propõe três tipologias que descrevem o modo de funcionamento do discurso. O discurso autoritário (ou que tende à paráfrase) constitui-se pela contenção da polissemia, onde o locutor se coloca como agente exclusivo da constituição dos sentidos e não há espaço para os interlocutores. O discurso polêmico (ou que se divide entre parafrásico e polissêmico) é aquele onde a polissemia é controlada, há uma disputa pela constituição dos sentidos entre os interlocutores e estes não são excluídos como no discurso autoritário. O último, o discurso lúdico¹⁶ (ou que tende à polissemia) é aquele onde a polissemia está aberta, a relação com os sentidos não é regulada, há liberdade entre os interlocutores na constituição dos sentidos. Estas tipologias não são categorias absolutas dos discursos, mas o que há é a predominância de um deles.

Se observarmos no corpus deste trabalho podemos ver a associação muito freqüente da arte marcial a verbos definidores como ser, estar, ter, possuir, caracterizar-se e descaracterizar-se, passar a ser, possuir, haver, chegar a, adquirir, visar, tornar-se e outros. Estes verbos têm, na maioria das vezes a arte marcial, como sujeito e lhe atribuem características, em um funcionamento taxativo, como pode ser visto no quadro 1:

Quadro 1. Cotações de formulações dos trechos do corpus enfatizando os verbos.

Trecho	Formulações
2	"várias artes marciais tiveram suas origens para a solução de conflitos militares"
4	"Artes Marciais são práticas combativas desenvolvidas para defesa de uma comunidade."
7	"Marte" era o deus grego da guerra, portanto arte marcial compreende a "arte de guerrear", a "habilidade em lutar"
8	"O início das Artes Marciais possui uma origem milenar que se (con)funde com a própria história do homem e sua necessidade de luta. "
9	"a prática das artes marciais, mesmo quando utilizadas em confronto entre povos, era baseada na filosofia, na moral e bastante intensamente na religião e no desenvolvimento espiritual"

¹⁶ Como lembra Orlandi, os termos autoritário, polêmico e lúdico não devem ser confundidos como um juízo de valor, por sua carga ideológica, mas como descritivos de um modo de funcionamento do discurso. Aliás, propõe a utilização dos termos que colocamos entre parênteses para evitar este problema.

- 10 as artes marciais todas **têm** sua origem como parte de um sistema total de treinamento
- 12 "Arte marcial, então, **caracteriza**-se por uma prática baseada em sistemas de defesa específicos e **tem** (ou **tinha**) como objetivo “moldar” a pessoa a um determinado modo de vida"
- 14 "sabe-se que as artes marciais **possuem** uma filosofia e essência que vão muito além da luta"
- 15 "ocorre que no ocidente as artes marciais **estão perdendo** os conceitos filosóficos de suas origens"
- 17 "a arte marcial **era** um instrumento essencialmente bélico, considerada ao extremo da palavra"
- 19 "as técnicas de Arte Marcial **passaram a ser** além de uma forma de Defesa Pessoal, uma opção de lazer"
- 21 "as artes marciais **são** praticadas por um número muito grande de pessoas por todo o mundo"
- 22 "**introduziram**-se outros objetivos e aspectos às Artes Marciais"
- 23 "ocorre também uma **descaracterização** da arte marcial"
- 24 "A arte marcial **sofreu** grandes transformações e evoluções desde sua criação."
- 28 "Evidentemente as artes marciais **são** um excelente método de defesa pessoal"
- 30 "**Existe** então uma DIFERENÇA ENTRE BRIGA, LUTA, ESPORTE DE COMBATE E ARTE MARCIAL"
- 32 "**há** uma certa descaracterização do que consiste as artes marciais em sua essência"
- 37 "Dessa forma, o que ele ensina e pratica **não é** arte, e sim, um conjunto de movimentos padronizados com nomes japoneses ou chineses"
- 38 "o objetivo das artes marciais **é** cessar a violência de uma pessoa contra a outra ou contra ela mesma."
- 40 "artes marciais **são**, em primeira instância, sistemas de defesa"

Não é freqüente a associação de arte marcial a construções do tipo “em certo sentido”, “se se desejar”, “se podemos dizer”, “em um grau extremo”, “dizendo mais apropriadamente” (PÊCHEUX, 2002, p. 31), “para mim”, “para alguns”, “pode ser”, “de certa forma” etc que permitem uma relativização dos caracteres atribuídos a arte marcial. Também não é freqüente a presença de um interlocutor. O trecho (33), que trata da violência nos campeonatos do *Ultimate Fighting Championship* e a representabilidade dele como parte da arte marcial, cotado em parte abaixo, é uma das exceções:

“Mas, como futuro profissional de Educação Física, e devido à minha formação humanística, que visa o desenvolvimento da motricidade humana, defendo a idéia de

que, diferentemente do que a mídia e alguns praticantes de esportes de luta afirmam, este tipo de evento é ilegítimo de representar as principais artes marciais, embora saiba que a realidade do esporte é independente dos ideais da Educação Física, sendo apenas um instrumento dela.” (CARNEIRO, 1996, p. 8)

Nele, a autora se considera uma das constituintes dos sentidos (“defendo a idéia de...”), o interlocutor, “mídia e alguns praticantes de esportes de luta”, tem seu discurso reconhecido como constituinte dos sentidos também e há uma busca pelo controle dos sentidos, os quais os interlocutores “afirmam”, mas a autora não aceita apoiada em sua “formação humanística”. Temos, então, uma disputa pelo controle dos sentidos, um discurso polêmico, na tipologia de Orlandi, onde há uma tensão entre a paráfrase e a polissemia, ao contrário dos trechos abaixo:

(2) “Assim como o Taekwondo, várias artes marciais **tiveram** suas origens para a solução de conflitos militares, **deixando** um caráter agressivo e muitas vezes violento na prática de suas técnicas específicas.” (CARNEIRO, 1996, p. 5)

(13) “Como grupo humano, as artes marciais **possuem** ética e moral próprias, definidas de acordo com suas origens e modificadas pelo próprio homem, com o passar do tempo. É objetivo deste trabalho **destacar** apenas um pouco destes princípios de algumas artes marciais, **ressaltando** que há um consenso de não violência nos códigos de ética das principais artes, embora **valorize**-se um certo grau de agressividade para com os obstáculos naturais da existência humana.” (CARNEIRO, 1996, p. 7)

(15) “Apesar de toda bagagem histórico e cultural de diferentes povos espalhados pelo mundo, ocorre que no ocidente as artes marciais **estão perdendo** os conceitos filosóficos de suas origens, por conta do forte processo de esportivização, já citado. A criação de inúmeras regras e o sistema de classificação por faixas e de graduações dentro de cada etapa **torna visível** o processo de ocidentalização dessas artes marciais e que hoje **são** também chamadas de luta.” (AGUIAR, 2008, p. 20)

(22) “2.4 – PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DAS ARTES MARCIAIS”

Abrimos este tópico com a exposição das palavras de Da Liu (1986) para **reforçarmos** a idéia de que as Artes Marciais não se desvinculam de seus princípios filosóficos, **sendo** contraditória a sua essência, a separação de seus aspectos práticos dos intelectuais e espirituais:

“No Antigo Oriente, a prática das Artes Marciais mesmo, quando utilizada em confrontos entre povos, era baseada na filosofia, na moral e intensamente na religião e no desenvolvimento espiritual, só ocorrendo competições por motivos de festividade.”

Várias Artes Marciais, **por terem sido utilizadas** na solução de conflitos militares, **deixaram** um caráter agressivo e violento na prática de suas técnicas específicas. Isto **não significa** e, tampouco **justifica**, a crença a respeito da violência como fator inerente a elas. Pelo contrário. Apoiada em filosofias de caráter humanista (a serviço de uma filosofia de vida humanitária e benéfica para o indivíduo e para a sociedade), voltadas ao aperfeiçoamento do ser humano, **pregam** o comportamento pacífico, o respeito ao oponente, valorizando a honra e probidade de caráter. Como o texto acima citado **elucida**, mesmo em situações de extrema adversidade, seus princípios eram preservados. Como um arqueiro Zen, que desfere sua flecha ao ar, visando a

trajetória de sua flecha e não o alvo a ser atingido, as Artes Marciais **visam** o auto-aperfeiçoamento e a espiritualização, através da meditação e práticas corporais para a obtenção de níveis de consciência sempre mais elevados.

Devido à evolução histórica da Humanidade, **introduziram-se** outros objetivos e aspectos às Artes Marciais. Com sua vinda para o Ocidente, a elas **foi incorporado** um forte aspecto competitivo, que fundiu-se à estrutura esportiva existente, propiciando a fundação e organização de diversas federações, com seus campeonatos e regras definidas. Desta forma, **descaracterizou-se** em muitos aspectos seus objetivos originais, distanciando-as de seus verdadeiros propósitos. [...]” (ROCHA, 1998, p. 37)

Vemos nestes trechos que os sentidos da arte marcial são tratados como uma informação, um algo a saber, algo a ser constatado. Constatam-se os sentidos positivos e neutros da arte marcial (“visam”, “tiveram”, “possuem”, “destacar”) e afastam-se (“não significa/justifica”) e justificam-se os negativos (“só ocorrendo”, “deixaram”, “descaracterizou-se”). Não é presente um outro existente, possível ou interpretável, os autores são os únicos constituintes dos sentidos, não havendo interlocutores. No máximo, em (22), é destacado que esses sentidos precisam ser “reforçados” e “elucidados”, trazendo fracamente, subentendido, a presença de um outro possível decorrente da falha e também por ela apagado.

Esta direção taxativa dos discursos no corpus e a ausência de espaço para interlocutores que disputam os sentidos do discurso sobre a arte marcial, os quais tem muitas vezes seu discurso desqualificado fortemente (um bom exemplo é (14)), nos leva a entender que o discurso sobre a arte marcial nos TCCs analisados se configura como um discurso que tende ao autoritário, à contenção da polissemia, ao controle dos elementos que se associam ou não ao discurso da arte marcial para levar à reprodução dos sentidos. Particularmente, este controle e reprodução vão na direção do movimento da denegação da violência e da idealização do discurso da arte marcial.

4. Conclusão: Funcionamento Discursivo, Estabilização Lógica e Política

Observamos em nossa análise que o discurso sobre a arte marcial nos TCCs da Faculdade de Educação Física da Unicamp apresenta diferentes possibilidades de formulações, mas há um funcionamento principal em torno da denegação da violência e da idealização. Essas diferentes formulações, na verdade, seriam um conjunto ainda maior se considerarmos os discursos produzidos em academias, escolas, na mídia e em outros ambientes, além da presença provável de outros funcionamentos discursivos. Mas, em meio a toda essas diferentes formulações, o fato de podermos utilizar o termo arte marcial significa que existem estabilizações em meio à diversidade, caso contrário a palavra “arte marcial” não faria sentido.

Encontramos como resposta à nossa pergunta “como é construído o discurso sobre a arte marcial” um funcionamento principal que tende ao autoritário e se movimenta na direção da denegação da violência e da idealização da arte marcial. Também encontramos como mecanismos pontos de apoio na origem e na necessidade, criação de fronteiras, justificação, falhas, separação da luta da arte marcial, apoio na etimologia e vários outros elementos e deslocamentos.

O que podemos observar neste discurso que busca conter a polissemia é uma busca por estabilização lógica do discurso sobre arte marcial. Para Pêcheux (2002, p.31), espaços discursivos logicamente estabilizados são aqueles unificados por evidências lógico-práticas do tipo um objeto não poder esta ao mesmo tempo em dois locais diferentes e não pode ao mesmo tempo ter a ver com a propriedade P e com a propriedade não-P.

Pêcheux (*ibidem*, p. 22), considera o espaço discursivo logicamente estabilizado do resultado de uma partida esportiva:

O “resultado de um jogo é, evidentemente, objeto de comentários e de reflexões estratégicas posteriores (da parte dos capitães de equipe, de comentaristas esportivos, de porta-vozes de interesses comerciais, etc), pois sempre há outros

jogos no horizonte..., mas enquanto tal, seu resultado deriva de um universo logicamente estabilizado (construído por um conjunto relativamente simples de argumentos, de predicados e de relações) que se pode descrever exhaustivamente através de uma série de respostas unívocas a questões factuais (sendo a principal, evidentemente: “de fato, quem ganhou, X ou Y?”)

Questões do tipo “quem ganhou na verdade? em realidade? além das aparências? face à história?”, etc aparecem como questões que não seriam pertinentes, e, no limite, até absurdas, a propósito de um resultado esportivo.”

Esta estabilização lógica implicaria uma resposta para a pergunta “o que é arte marcial” do tipo arte marcial é A, não-B e C. Isto é bastante visível em Pucineli (2004, p. 41), que, não encontrando “conceituações satisfatórias” para os termos Luta e Arte Marcial, as estabelece como

“Luta corporal é uma relação de oposição geralmente entre duas pessoas, na qual realiza-se uma ação (toque ou agarre) com o objetivo de dominar a outra, dentro de regras específicas. Duas condições são essenciais na definição: o alvo da ação é a própria pessoa com quem se luta e a possibilidade de finalização do ataque é mútua, a qualquer momento, inclusive pode ser simultânea.” (p. 35)

“Em geral, a diferença conceitual básica entre Luta e Arte Marcial é que, na primeira, a disputa é o fim, treina-se para lutar; na segunda, a luta, se houver, é meio para atingir outros objetivos”. (p. 44)

As quais poderíamos reorganizar em uma fórmula com operadores lógicos: Luta corporal é relação de oposição onde se realiza ação de toque ou agarre *e* tem o objetivo de dominar o outro *e* têm regras específicas *e* o alvo da ação é a própria pessoa com quem se luta *e* a possibilidade de finalização do ataque é mútua. Arte Marcial é Luta *e* não tem disputa como fim *e* tem disputa como meio para atingir outros objetivos¹⁷.

Nestas citações fica evidente a estabilização lógica (estabilização do espaço discursivo), a partir de argumentos e predicados que tornam possíveis formulações e que permitem univocidade na resposta às perguntas “o que é Arte Marcial e o que é Luta?”. Também perguntas do tipo “judô, vale tudo, arco e flecha, caratê, técnicas de guerra do

¹⁷ Parece-me que existe uma crescente utilização no meio acadêmico do termo “Luta” em lugar de “Arte Marcial” por este ser menos ambíguo, estar mais logicamente estabilizada, nas formas como Pucineli coloca. Penso que uma análise desse deslocamento discursivo seria interessante e destaco o TCC de Ducret Junior (2003, ver anexo A), onde durante todo o texto utiliza o termo luta, porém nas entrevistas no anexo, para se fazer entender, pergunta aos entrevistados por “luta ou arte marcial”.

exército e capoeira são Lutas e/ou Artes Marciais?” se tornam unívocas, bastando uma comparação de atributos.

Esta estabilização dos espaços, Pêcheux (*ibidem*, p. 33) considera, mais do que coerções devido ao poder dos cientistas, especialistas e administradores, como uma consequência do sujeito pragmático¹⁸ que necessita de homogeneidade lógica em sua vida: “essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um “mundo semanticamente normal” (*idem, ibidem*, p. 34).

Porém, como Pêcheux se pergunta, espaços não estabilizados, objetos discursivos “cujo modo de existência parece regido pela própria maneira como falamos deles” (*ibidem*, p. 28), seriam menos reais que os objetos estabilizados?

Pêcheux (*ibidem*, p. 28-29) considera a existência de “objetos discursivos de talhe estável” que detém “o aparente privilégio de serem, até certo ponto, largamente independentes dos enunciados que produzimos a seu respeito” e propõe que isso implica em “colocar que, no interior do que se apresenta como o universo físico-humano, “há real”, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser “assim”¹⁹. Este real ele associa ao domínio das matemáticas e das ciências da natureza, às “técnicas materiais que visam produzir transformações físicas ou biofísicas” (p. 30) e às técnicas de gestão social dos indivíduos, onde este impossível se apóia na proibição: “é impossível que tal pessoa seja solteira e casada, que tenha diploma e que não a tenha[...]” (*loc. cit.*).

Continuando, Pêcheux (*ibidem*, p. 42), crítica, nessa distinção de modalidades do real, que há uma busca de se atingir uma coerência conceptual-experimental, que fundamenta o real logicamente estabilizado da física e da matemática, para o real sócio histórico. Isto seria a criação de uma disciplina da história unívoca, tal qual a física e a matemática, onde não há interpretação, mas há transparência discursiva pela estabilização lógica, uma ciência absoluta do sócio histórico. Para Pêcheux, isto é impossível, pois estes campos são necessariamente disciplinas de interpretação.

¹⁸ O sujeito que busca sua felicidade, em contraposição ao sujeito que se coloca como espectador universal, distante da situação e dos efeitos pragmáticos que as situações lhe causam, que é a fonte de homogeneidade lógica (PÊCHEUX, *ibidem*, p. 32).

¹⁹ Pêcheux continua entre parênteses: “O real é o impossível... que seja de outro modo.”

Desta forma, precisamos entender que a arte marcial, a luta, a educação física, o lazer, o esporte etc não são passíveis de estabilização lógica se não sob a forma da censura sobre a interpretação²⁰.

“Interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação exige que o não-logicamente-estável não seja considerado a *priori* como um defeito, um simples furo no real.

É supor que – entendendo-se o “real” em vários sentidos – possa existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das “coisas-a-saber”²¹ ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe, produzindo efeitos.” (PÊCHEUX, *ibidem*, p. 43)

Trata-se de trabalhar em uma zona intermediária entre a do logicamente estabilizado e a do totalmente instável, “sem qualquer norma estabelecida a priori” (*idem, ibidem*, p. 51). Não tratar, por exemplo, a arte marcial como categoria, mas como funcionamentos e construções discursivas:

“Já nesta região discursiva intermediária, as propriedades lógicas dos objetos deixam de funcionar: os objetos têm e não têm esta ou aquela propriedade, os acontecimentos têm e não têm lugar, segundo as construções discursivas nas quais se encontram inscritos os enunciados que sustentam esses objetos e acontecimentos.” (*idem, ibidem*, p. 52)²²

Diante de todos os questionamentos até aqui, não poderíamos deixar de pensar a relação entre a linguagem e a política. Ao falar, significamos ao mundo e a nós mesmos,

²⁰ No caso que analisamos o apoio na origem, na etimologia e nos rompimentos e associações, com suas justificativas, são exemplos de formas de censura da interpretação na construção da univocidade lógica do discurso da arte marcial.

²¹ Em correspondência à necessidade de um mundo logicamente estabilizado estão as coisas-a-saber, conhecimentos que representam o que pode impedir a felicidade do sujeito pragmático (*idem, ibidem*, p. 34). No exemplo de Pêcheux (*ibidem*, p. 34): “não é necessário ter uma intuição fenomenológica, uma pegada hermenêutica ou uma apreensão espontânea da essência do tifo para ser afetado por essa doença”.

²² Pêcheux continua em seu trabalho trazendo considerações sobre como trabalhar nessa zona intermediária, dentre as quais destaca a importância de se saber os momentos de descrição e interpretação na análise do discurso e de se considerar o equívoco da língua, em que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro” (p. 53), isto é a possibilidade constante do deslocamento e da fuga da estrutura. Não abordaremos estes temas aqui.

somos sujeitos de linguagem e, desta forma, todo discurso é político. Assim, cabe nos questionarmos brevemente algumas das possíveis relações deste discurso com a política e indicar caminhos possíveis para novos trabalhos.

Talvez o movimento de estabilização da arte marcial reflita um processo de busca de aceitação acadêmica e social daqueles que se associam à arte marcial, já que não é simples tratar na academia com termos tão difíceis de formular de forma lógica e também não é simples, por exemplo, ser um profissional de arte marcial, se isto implica na possibilidade de se associar com a violência ou de não ter controle daquilo com que se associa pela instabilidade do discurso.

Também a denegação da violência no discurso da arte marcial talvez possa estar nesta direção já que a associação com a violência é censurada e repudiada, e isto tem conseqüências diversas. Assim, a administração dos sentidos na forma de Pucineli em (40) ou a separação do *Ultimate Fighting Championship* das artes marciais de Carneiro em (35) podem representar mecanismos dessa busca. Já a idealização da arte marcial talvez seja uma forma de supercompensação da associação com a violência ou a busca de valorização social e mercadológica.

Provavelmente todos estes elementos estão presentes, e ainda muitos outros devem estar também, já que a relação da linguagem com a política é extremamente complexa e multiforme. Fica aberto para novos trabalhos buscar estas relações. Levantamos uma questão: “qual é esta violência que o discurso da arte marcial busca denegar?” e também destacamos a necessidade de, para além de olharmos para a violência física, que se evidencia como um clarão em nossos olhos, nos voltarmos para outras formas de violência, mais sutis, entretanto por vezes quase onipresentes e sempre muito duras, como as formas de violência social, da qual nossa sociedade é repleta.

Para terminar este trabalho, relembro o percurso da minha “aventura” nos campos teóricos da linguística e da análise do discurso. Em uma analogia figurada, lembra-me um pouco um daqueles exploradores da antiguidade que não encontra o que procura em sua terra e resolve buscar em outro lugar. Após atravessar o deserto mítico de dois quarteirões da Faculdade de Educação Física até o Instituto de Estudos da Linguagem, chamado Fragmentação Administrativa do Conhecimento, encontra um país estrangeiro riquíssimo no que procura e com pouco daquilo que era farto em sua terra natal. Então, volta para sua terra cheio de histórias e riquezas, buscando incentivar seus conterrâneos a refazerem este

percurso, enviarem suas caravanas e estabelecerem relações culturais e comerciais para se enriquecerem e enriquecerem aos moradores daquela terra.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. Ideologie et Appareils Idéologiques D'État. In: Althusser, Louis. **Positions (1964-1975)**. Paris, França: Edition Sociales, 1975.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours. In: **DRLAV-Revue de Linguistique**, 26, 1982 apud BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 8ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- BAKHTIN, (Voloshinov-1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Hucitec. São Paulo, SP, 1979 apud BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 8ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 8ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- HOBBS, T. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo, SP: Editora Martin Claret, 2003.
- INDURSKY, F. Polêmica e Denegação: Dois Funcionamentos Discursivos da Negação. In: **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas, SP, n. 19, p. 117-120, 1990.
- ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PACHI FILHO, F. F. **Privatizar Para Tornar "Público"**: uma análise dos discursos sobre a privatização das telecomunicações em jornais. Tese - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- _____. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. In: **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas, SP, n. 19, p. 7-24, 1990.
- PÊCHEUX, M.; HAROCHE C., HENRY, P. La sémantique e la coupure saussuriene: langue, langage, discours. In: **Langages**, n. 6, v. 24, 1971.

PUCINELI, F. A. **Sobre Luta, Arte Marcial e Esporte de Combate: Diálogos**. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor LTDA, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo, SP: Pioneira, c2000.

SAUSSURE, Ferdinand. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1949.

SOARES, C. L *et alii*. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

Anexo A – TCCs da Faculdade de Educação Física da Unicamp

Título	Subtítulo	Ent. principal	Ano	Notação
A agressividade dos lutadores fora dos tatames	o caso do jiu-jitsu	Lima, Fabio Luis Costa	2001	L628a
A aprendizagem do judo por pessoas deficientes visuais		Rodrigues, Andrea Daniela	1999	R618a
A capoeira e suas possíveis relações com o desenvolvimento motor dos alunos de primeira a quarta série do ensino fundamental		Crege, Danilo Roberto Xavier de Oliveira	2005	C861c
A capoeira na universidade		Lopes, Odailton Pollon	1991	L881c
A capoeira para uma educação crítico-superadora		Bertazzoli, BReno Fiori	2005	B461c
A dimensão do judo na instituição escola		Penna, Thiago Pitta	2000	P382d
A esportivização da capoeira	reflexões teóricas introdutorias	Alves, Leonardo Prata	2006	A187e
A legitimidade das lutas	conteúdo e conhecimento da Educação Física escolar	Aguiar, Cristiane	2008	Ag93L
A velocidade de reação nos treinamentos de kung fu		Santos, Jose Carlos F. dos	1993	Sa59v
Análise comparativa entre atletas olímpicos e paraolímpicos de judo	a luta de solo	Gomes, Mariana Simões Pimentel	2005	G585a
Aplicação da concepção contemporânea de treinamento aos atletas de jiu-jitsu		Cruz, Daniel Carneiro	2001	C889a
Artes marciais	kung-fu - rotinas e combate - o papel da preparação física	Ortega, Enrique Miluzzi	1997	Or8a
As lutas e suas relações com a educação física escolar		Ortega, Enrique Miluzzi	1998	Or8l
As práticas corporais chinesas	princípios e concepções de corpo	Castro Junior, Jose Luiz de	2007	C279p
Bota a mandinga e... a esportivização da capoeira em questão		Cordeiro, Izabel Cristina de Araujo	1992	C811b
Capoeira	jogando com sua história	Serra, Mariana Silveira	2006	Se68c
Capoeira	uma proposta para a educação física escolar	Rocha, Maria Angelica	1990	R582c
Capoeira e cidadania	um estudo de prática capoeirística e sua aplicação em projetos socio-educacionais na cidade de Campinas-SP	Penteado Junior, Wilson Rogerio	2001	P387c
Caracterização morfofuncional de atletas praticantes do Brazilian Jiu-jitsu		Bianchi, Stefania	2006	B47c
Competições de capoeira	a faceta esportiva da arte brasileira e a presença do elemento acrobático no jogo	Pasqua, Livia de Paula Machado	2008	P264c

Desvios e adaptações posturais relacionados a pratica e ao treinamento do judo		Del Vecchio, Fabricio Boscolo	2001	De37d
Educação física escolar e artes marciais	um estudo sobre o karate	Soares, Paula Regina Cerda	1998	So11e
Efeitos fisiologicos da pratica de aulas de bodycombat em mulheres adultas e sedentárias	avaliando a intensidade de treinamento	Coleti, Luciana Ramires	2003	C679e
Ensaio provisorio sobre alguns aspectos relevantes para o entendimento tatico do judo tendo em vista a formação global do individuo		Cazetto, Fabiano Filier	2004	C319e
Estrategias de ensino-aprendizagem do kung-fu para pessoas com deficiencia visual		Rocha, Liana Garcia Ferreira	2005	R528e
Estresse em crianças nas competições de Karate		Pucineli, Fabio Augusto	2003	P961e
Estudo da quantificação das ações motoras e esforços especificos de atletas de judo em situação competitiva		Rosa, Rodrigo Ribeiro	2000	Ro71e
Estudo sobre o ensino da capoeira		Mattez, Eduardo Correa	2007	M432e
Estudos sobre os processos mercadologicos aplicados a academias de artes marciais		Lourenço Filho, Armando	1997	L934e
Intervenções psicologicas para aupeação da carga do treinamento esportivo	uma proposta de trabalho junto a modalidade judo	Cesar, Carmo Jose	2000	C337i
Introdução ao aikido	conhecimentos basicos para o seu desenvolvimento	Pelusch, Luis Gustavo	2008	P368i
Jiu-Jitsu	um resgate histórico	Fayan, Diogenes Dalton	2000	F29j
Judo e deficiencia mental	valores para uma modalidade e para a vida	Lima, Andiara	2008	L628j
Kung Fu	da arte a guerra... da guerra a arte	Di Nizo Filho, Paulo Roberto Camargo Caetano	1998	D54k
Luta	elementos para uma compreensao sistêmica	Nakamoto, Henrique Okajima	2005	N145l
Luta de braço	organização, regras, analise dos movimentos e indicações para o treinamento	Pascoa, Mauro Alexandre	1996	P263l
O Judo	esporte e luta como conteudos da educação física escolar	Nora, Lisiane Oliveira	1997	N75g
O judo auxiliando no desenvolvimento motor de pessoas com deficiencia visual		Maule, Ewerton Fernando	2005	M443j
O pensamento oriental que embrasa as principais artes marciais japonesas praticadas no Brasil		Gitirana, Moacyr Maia	2000	G447p
O pensamento yin e yang		Silveira, Lucia Fernanda Araujo	1998	Si39p

O scout e a competição na modalidade de karate	o estudo de caso da seleção feminina de karate de Americana nos jogos regionais da zona leste de 1995 Amparo	Soares, Paula Regina Cerda	1995	So11s
Os campeonatos de "vale tudo" e como eles representam as artes marciais	o aspecto da violência	Carneiro, Eduardo Brandão	1996	C215c
Perfil e a imagem corporal de um grupo iniciante na pratica de Tai Chi Chuan		Tasso, Jefferson da Silva	2005	T185p
Periodização do karate	análise e perspectivas do programa de treinamento dos atletas a partir de uma revisão de literatura	Bergmann, Beatriz Kruszczyński	2000	B454p
Preparação física e técnica para o judo		Kawatake, Edson Yoshiyuki	1998	K179p
Princípios e exercícios úteis na elaboração da preparação física para o karate (especialmente quanto a força)		Jardim, Marta Lima	1994	J285p
Projeto capoeirar	uma proposta de ensino da capoeira como parte integrante do projeto ama a vida sem drogas, em realização na rede pública de ensino de Campinas. Um relato de experiência	Jardim, Marta Lima	1999	J285p
Proposta de periodização para preparação física no karate		Bueno, Aparecido	1996	B862p
Reflexões sobre a prática do judo na educação infantil		Mendonça, Henrique Marques	2006	M523r
Revisão de literatura e proposta de preparação física com enfoque no treinamento de força para as lutas	o exemplo do sanshou	Hirata, Daniel Shinji	2004	H613r
Shotokan	o karate de gishin funakoshi	Cruz, Valmir Zuza da	1994	C889s
Sobre luta, arte marcial e esporte de combate	Diálogos	Pucineli, Fabio Augusto	2004	P961s
Taekwondo sentidos e significados	proposta de resgate da arte marcial no aspecto educacional	Nakamura, Aline Medeiros	2009	N145t
Treinamento de força para a luta Sanshou - Kung Fu		Romano, Leandro	2003	R662t
Treinamento de força rápida para wushu moderno	metodo auxiliar para o treinamento de alto rendimento	Lança, Lucas Barbosa	2009	L221t
Treinamento em esgrima		Novaes, Renato do Amaral	1996	N859t
Uma proposta de capoeira para o ensino escolar		Gonzalez, Andrea de Nardi	1995	G589p
Uma proposta de planificação de treinamento para o judo	na busca por uma melhor performance competitiva	Leite, Priscila Teodoro de Almeida	1999	L536p
Estudo das variáveis mercadológicas em academias de lutas		Ducret Junior, Henry Charles	2003	D859e